

Ano 4 • nº 40 • 2006 • www.multirio.rj.gov.br/nosdaescola

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA EDUCAÇÃO



Ludicidade e indústria do lazer



Prefeitura do Rio

Este investimento vale ouro para a Cidade.

Cesar Maia
Prefeito

Sonia Mograbi
Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis
Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozório
Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme
Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno
Diretor do Núcleo de Tecnologia de Informação

Katia Chalita
Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Élida Vaz
Assessora de Comunicação e Ouvidora

CONSELHO EDITORIAL

Élida Vaz (Assessora de Comunicação/MULTIRIO) • **Leny Datrino** (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME) • **Marcos Ozorio** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Maria Inês Delorme** (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Martha Neiva Moreira** (Editora/NPI-MULTIRIO) • **Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) • **Silvy Rosalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária /SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

Cláudia Reis (4º CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Cristina Salvadora Ferreira** (5º CRE) • **Guilherme F. De A. Degou** (9º CRE) • **Irinéia Simone Cortes Tourinho** (Assessoria de Integração/MULTIRIO) • **Joelma de Souza Vieira** (8º CRE) • **Leticia Carvalho Monteiro** (6º CRE) • **Marcia Elizabeth N. M. Vicent** (7º CRE) • **Maria Alice Oliveira da Silva** (DGED/SME) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretora de Mídia e Educação/Multirio) • **Marize Peixoto** (1ª CRE) • **Norma Suely** (10º CRE) • **Rosilene Adriano Mattos** (2º CRE) • **Solange Maria Campos** (3º CRE) • **Sueli Batista** (10º CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO

Gerência Pedagógica: **Cristina Campos** e **Joanna Miranda**

Gerência de Jornalismo: **Martha Neiva Moreira** (editora) • **Renata Petrocelli** (edição de texto) • **Fábio Aranha, Carolina Bessa** e **Bete Nogueira** (reportagem) • **César Garcia** (copidesque e revisão)

Gerência de Artes Gráficas: **Flavio Carvalho** (gerência) • **Cláudio Gil** (coordenação), **Adriana Simeone, Aline Carneiro, David Macedo Sá** e **Gustavo Cadar** (designers) • **Vivian Ribeiro** (produção gráfica)

Alberto Jacob Filho (fotografia)

Impressão: Cidade América Artes Gráfica



EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210

www.multirio.rj.gov.br ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br

Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212





DESENHOS DOS ALUNOS DA 3ª SÉRIE DO CIEP DOM OSCAR ROMERO: THAINÁ E ALEFF

Capa

Foto de Alberto Jacob Filho • Ilustração pixel art: David Macedo Sá

• Ilustração 3D: Sergio Pranzl • Produção e montagem: Aline Carneiro e Cláudio Gil

4 editorial

5 cartas

6 zoom

O que é que você costuma fazer durante as suas horas de lazer?

8 ponto e contraponto

Tempo, matéria-prima da vida

13 carioca

Visitas guiadas ao passado

15 pan 2007

Ação antitabagista na escola

16 século XX1

Novidades na tela do monitor

18 parceira

Convivência com a felicidade

19 rede fala

O espaço da diferença na formação de leitores

21 professor on line

Aposentadoria sem mistério

22 caleidoscópio

Compromisso com a infância

24 olho mágico

Origem lúdica das palavras

26 capa

O lazer a serviço do capital

33 artigo

É possível resgatar o ócio na sociedade de consumo?

34 presente do futuro

Alerta a pais e professores

37 atualidade

Prevenção é a grande arma

39 pé na estrada

Retrato da gente brasileira
Aventura pelos recantos do Rio
Música para alimentar a alma

44 perfil

O alto vôo do Pai da Aviação

46 foi assim

A queda do palácio de ferro

48 agenda

49 especial

Meninos e pais na escola

50 MULTIRIO na TV

editorial

Lazer e sociedade

Esta NÓS DA ESCOLA traz ao debate a questão do lazer, de como aproveitamos nossas horas de folga do trabalho, nosso tempo livre. A questão é mais complexa do que parece, à primeira vista, uma vez que esse tempo livre que nos resta é alvo de uma série de interferências características das sociedades de consumo.

Há toda uma literatura dedicada a explorar e defender as possibilidades “produtivas” do lazer, a direcionar nossas escolhas e opções de diversão, a disseminar a questão do lazer no ambiente de trabalho como ferramenta essencial ao aumento da produtividade.

Em contrapartida, a sensação de que não temos tempo para mais nada – nem para fazer o que nos cabe nem o que nos dá prazer – é onipresente na vida contemporânea e este também é um aspecto do tema lazer a ser explorado na seção *Ponto e contraponto*.

Você poderá também conhecer aqui o projeto Qualidade de Vida, desenvolvido pela E. M. Clotilde Guimarães, que visa ampliar o conhecimento dos alunos sobre a cidade em que vivem, assim como o projeto Este Parque Tem História, desenvolvido pela Fundação Parques e Jardins e cujo objetivo é resgatar, em visitas guiadas, a história dos parques da cidade.

Esses e outros assuntos relacionados à melhoria da qualidade de vida e ao conhecimento de nossa cidade estão nesta edição.

Não deixe de ler.



Sonia Mograbi
Secretária municipal de Educação

Quer saber mais sobre as produções da MULTIRIO?

NOTÍCIAS DA MULTIRIO

Cadastre-se e receba gratuitamente, a cada semana, nossa newsletter. Mande e-mail para ouvidoriomultirio@pcrj.rj.gov.br ou ligue para 2528-8282.

Futebol

A última NÓS DA ESCOLA [n. 38, *Futebol e identidade nacional*] fez o maior sucesso aqui no Ciep Mestre André. Da criatividade da capa, às reportagens e ao cartaz encartado na revista. Todos ficaram muito interessados nas curiosidades. Parabéns a toda a equipe. Equipe do Ciep Mestre André, 8ª CRE, Padre Miguel

Efemérides

Sou professora da Rede e gostaria de sugerir matérias sobre as principais datas comemorativas do ano. Em abril, por exemplo, tivemos a Páscoa, o Dia do Índio, o Dia de Tiradentes, do Descobrimento do Brasil... e, em maio, o Dia do Trabalhador. Gostaria de ter podido usar a revista para trabalhar com meus alunos. Em tempo: a revista é excelente.

Marta C. Silva

N. da R.: No Portal MULTIRIO (www.rio.rj.gov.br/multirio) há o que a professora precisa. Em geral, a grande imprensa faz bem essa divulgação. Ainda assim, as comemorações que têm datas fixas estão contempladas nos cartazes das revistas n.º 11, n.º 15, n.º 24 e n.º 28. Elas podem ser consultadas no *site* de NÓS DA ESCOLA (www.rio.rj.gov.br/multirio/nosdaescola) e impressas.

Correção

Na matéria "Um, dois, três e jogo!" [seção *Pé na estrada*, NÓS DA ESCOLA n. 38, p. 38] não aparece o nome da escola em que leciona a professora Rita de Cássia Soares da Costa, citada na matéria. O projeto do qual ela participa é desenvolvido na E. M. Mário Quintana, 7ª CRE, no bairro do Anil, Zona Oeste da cidade.

MULTIRIO recebe selo de qualidade do Ministério da Justiça



A série *Juro que vi*, realizada pela MULTIRIO, é a primeira produção brasileira a receber o selo "Especialmente Recomendado para Crianças e Adolescentes", recém-criado pelo Ministério da Justiça (MJ). Premiada no Brasil e no exterior, a série de desenhos animados, que revisita lendas brasileiras pelo olhar de crianças de escolas da Prefeitura do Rio, foi selecionada pelo Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação da Secretaria Nacional de Justiça.

"O selo é a grande novidade do processo de reformulação da classificação indicativa. Os programas audiovisuais que promovem a cultura de paz, valorizam os direitos humanos e são educativos se encaixam perfeitamente nesta proposta. É o caso da série *Juro que vi*. O Ministério da Justiça tem o prazer de reconhecer esta produção, a primeira da história do Brasil a receber o selo de qualidade", afirma Anderson Alarcon, coordenador da consulta pública sobre classificação indicativa.

Para a professora Regina de Assis, presidente da MULTIRIO, o selo vai incentivar a produção infantil e juvenil nacional. "O selo abrirá o mercado de produção infantil no nosso país. Além disso, valorizará produções responsáveis que realcem a diversidade e os direitos das crianças e dos jovens. Estamos extremamente honrados", comemora.

De acordo com Anderson, o selo "Especialmente Recomendado para Crianças e Adolescentes" será concedido a produções audiovisuais, obras artísticas e espetáculos que contenham predominantemente conteúdos adequados ao público infantil e juvenil. Os pedidos devem ser enviados ao MJ.

Além da série *Juro que vi*, a MULTIRIO desenvolve outras produções de animação com a participação de alunos de escolas do Rio, como o *Carta animada pela paz*. Também produz programas de TV variados, como documentários, programas de debate e campanhas, publicações impressas, sites e portais.



ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande *e-mail* para multirio_dpúb@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso *site*: www.multirio.rj.gov.br

O que é que você costuma fazer

A vida é repleta de obrigações. Temos horário marcado para ir ao médico, ao dentista, chegar ao trabalho, participar de reuniões, além de vários outros afazeres. Quando há tempo disponível, com o que nos ocupamos? Muita gente acaba ficando presa a modismos, ao que a mídia determina como programa do momento, seja show, filme, boate ou qualquer *point* freqüentado por quem se diz antenado. Com isso, será que estamos realmente livres para decidir o que temos vontade de fazer nas horas vagas? NÓS DA ESCOLA foi às ruas descobrir o que as pessoas gostam de fazer nos seus momentos de ócio.



Lilia Viana, aposentada
– Gosto de ler, ouvir música e principalmente fazer alguma coisa que envolva carpintaria, jardinagem ou crochê. Também costumo consertar tudo o que está quebrado em casa. Desde moça sou assim, faço o que gosto e não me preocupo em fazer o que todo mundo gosta.



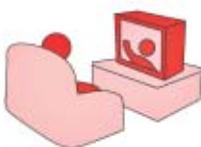
Leonardo Curvello, produtor de vídeo

– Faço capoeira e gosto de praticar *long board* e *skate*. Como o tempo das pessoas costuma ser corrido, muitas não gostam de fazer nada nessa hora. Eu não sou assim. *Me incomoda* ficar com o tempo ocioso, gosto de fazer algo para mim ou para os outros. Mas esporte é o meu forte.



Mary Hellen Bandeira, enfermeira

– Quando não estou trabalhando gosto de ler e também de ver TV. Adoro cinema e, por isso, vejo vários filmes que estão em cartaz, principalmente o que os meus colegas dizem que é bom. Mas não me interesso por programas da moda, só se for algo que tenha a ver com o meu gosto.



durante as suas horas de lazer?

Sueli Maria Clemente, professora

– Gosto de fazer muitas coisas no meu horário de lazer: caminhar, ler, ir ao cinema e dançar. Sempre procuro me ocupar com o que me dá prazer. Mas quando estou cansada também adoro não fazer nada.



Leandro Santos Silva, atendente

– Nas horas vagas, gosto muito de sair com os amigos, curtir a *night*. Vou a vários shows, mas o que gosto mesmo é de *techno* e *hip hop*. Mesmo assim sou capaz de sair com a galera para fazer companhia mesmo que seja para escutar um tipo de música de que não gosto muito. Faço isso só para não sair sozinho.



Renato Araújo, ajudante de caminhão

– Se não estou no trabalho, gosto mesmo é de jogar futebol. Sou caseiro, adoro dormir à tarde. Descansar me faz muito bem. Não me importo se as pessoas saem para se divertir e eu fico em casa. Sinceramente,



é melhor ficar sozinho no meu canto do que sair mal acompanhado.



Kátia Marques, dona-de-casa

– Não trabalho fora e gosto de descansar vendo televisão, dormir à tarde e sair sozinha, porque quando estou com os filhos não consigo fazer nada direito. Também gosto de arrumar as coisas em casa, não vejo isso como obrigação.



Tempo, matéria-prima da vida



A que você atribui esta corrida desenfreada contra o tempo nas sociedades modernas?

Acho que são duas origens. A primeira delas, a mudança na situação das mulheres, o fato de elas terem entrado na vida pública sem que a sociedade passasse recibo disso. As mulheres migraram do meio privado para o público e as temporalidades continuaram organizadas como se nada tivesse acontecido. Isto significa que onde cabia uma vida foi necessário encaixar duas. A segunda origem tem relação com a propaganda. Em primeiro lugar, ela tomou conta dos espaços livres. Você anda na rua e não vê mais espaço livre, está tudo ocupado por propaganda. Depois ela tomou conta do nosso tempo, de duas maneiras. Quando você liga para um hotel para reservar um quarto, é obrigada a passar vários minutos ouvindo todas as maravilhas que aquele hotel tem a oferecer. Se isso se passa num hospital e você quer chamar

uma ambulância, a situação é um pouco mais complicada. Mas o que é pior é que a publicidade estabelece critérios de felicidade. Isso é terrível, porque felicidade é algo essencialmente individual, mas a publicidade criou padrões de massa para o que venha a ser felicidade. É uma condenação em massa. As pessoas pensam que são indivíduos, mas não são. Elas são arrastadas pela manada.

E nunca estão satisfeitas com o que têm...

Não, porque há uma corrida desesperada por mais e mais, sempre. Há um padrão de consumo que sempre recua, você nunca consegue alcançá-lo. Isso só pode gerar frustração, competição e agressividade entre as pessoas. Nós vivemos em um mundo cruel, que nos mata de cansaço, mas a publicidade nos convence de que estamos vivendo no melhor dos mundos. Há um marketing da felicidade que evidentemente não é verdadeiro.

Se perguntarmos a 10 pessoas o que é o tempo, talvez tenhamos 10 respostas diferentes. A falta dele, no entanto, é unanimidade, assunto nas conversas entre amigos, em casa ou no trabalho. Sempre falta tempo para alguma coisa, não raro para o que mais importa, como fazer o que se deseja ou estar com quem se ama. A constatação inspirou Rosiska Darcy de Oliveira a escrever dois livros, *A reengenharia do tempo* e *A natureza do escorpião*. A definição, ela tem na ponta da língua: “Tempo é liberdade”. Liberdade para escolher o que fazer, eleger os próprios objetivos e sobretudo construir a própria história. Com a mesma paixão com que sempre lutou pelo movimento feminista, Rosiska, que atualmente dirige o Centro de Liderança da Mulher, denuncia a necessidade de que governos e sociedade renegociem os tempos das cidades e do trabalho, abrindo espaço à vida particular e aos sonhos pessoais. A quem ainda acredita na máxima “tempo é dinheiro”, Rosiska apresenta um argumento irrefutável: “É preciso entender que a matéria-prima da vida é o tempo. Estamos vendendo a nossa vida muito barato. O homem mais rico do mundo não compra tempo, porque a morte não vende”.

Parece também que esses padrões afastam cada vez mais as pessoas do que realmente importa, não é isso?

A felicidade é posta sempre do lado de fora, porque tem que mover uma máquina diabólica, que não pára nunca, produzindo bens e serviços cada vez mais sofisticados. Enquanto isso, o que é fonte de alegria gratuita, como as relações amorosas, seja de que tipo forem, entre pais e filhos ou amantes entre si, vai tendo seu espaço cada vez mais encolhido. Filho você não compra, nem marido. É exatamente o tempo que nos resta para dedicar à vida afetiva que está ficando cada vez mais restrito. E fica cada vez maior o tempo do trabalho para ganhar dinheiro e assim consumir mais. É isso que eu chamo de natureza do escorpião, que morde o próprio rabo e se suicida. Nós estamos vivendo um cotidiano suicida, que não traz as alegrias que promete. Os padrões de felicidade estão vindo de fora para dentro, não são mais

uma escolha individual. Acho que o grande desafio da felicidade hoje é cada um ser capaz de fazer suas escolhas, quaisquer que elas sejam.

Isso inclui, evidentemente, a escolha sobre o que fazer com o tempo livre...

Sim, porque o lazer de cada um é único, cada um pode inventá-lo e fazer o que quiser com ele. Mas aí reside um desafio à criatividade, que vem se embotando cada vez mais. Uma coisa que me impressiona muito é o que vem acontecendo com a infância. A infância era o tempo do maravilhoso, do mistério. Hoje eu não sei mais a que horas as crianças têm tempo para o mistério, porque elas têm uma agenda tão carregada quanto a agenda dos pais. Há dois anos, no Natal, uma criança de seis anos para quem eu tinha previsto um Papai Noel me pediu uma agenda de presente. Eu fiquei estarelecida, me dei conta de que ou eu estava louca, ou ela. Acho que isso é um sinal vermelho aceso para a educação na ▶

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

sua dimensão formativa. É preciso que pais e educadores estejam atentos a esse processo deformador, que tentem remar contra a maré. Do contrário, vamos continuar criando uma manada desenfreada, competitiva, pisando uns nos outros para ver quem chega na frente a um lugar que não existe, ao qual dão o nome de bem-estar ou felicidade.

Qual você acha que deve ser o papel de pais e educadores diante dessa realidade?

Acho que hoje em dia se faz uma exigência muito grande às crianças, reflexo de uma sociedade extremamente competitiva. Os pais não querem que seus filhos fracassem. Então, empurram a criança desde muito pequena para o aprendizado formal. Ela tem de aprender línguas, informática, um mundo de coisas. Eles acabam não percebendo que com isso prejudicam algo importantíssimo para o sucesso de alguém, que é a estrutura de uma personalidade bem equilibrada. A perda do imaginário, por exemplo, é dantesca, fatal para qualquer criador. Qualquer criança que esteja cerceada em sua capacidade de imaginação não vai ser criadora, vai ser executora de alguém. Este desafio à criação requer gratuidade e um espírito mais aberto. Não se pode formalizar o dia inteiro de uma criança. É preciso que sobre algum espaço para que ela descubra por si própria, que em algum momento tenha o maravilhamento do mundo, o mistério, e volte a fazer perguntas que as crianças antigamente faziam e fazem cada vez menos. Há uma overdose de informação, de aprendizagem, e muito pouco tempo para o acaso, para que a criança descubra sozinha a sua vocação. Falta espaço para a liberdade, que é formadora do caráter, e para a imaginação, que é essencial na sociedade do conhecimento.

A formação para o mercado de trabalho, que preocupa os pais desde cedo com relação aos filhos, é também fonte de angústia para profissionais jovens e maduros. Parece que nunca dá tempo de saber tudo o que é necessário...

Nós estamos realmente vivendo uma nova era. Ninguém mais vive com o que aprendeu na faculdade. A educação hoje será permanente ou não

será. Ela é obrigatoriamente permanente, porque há necessidade de renovar constantemente o *portfolio* de informações. Mas a que horas? Quando? A reengenharia do tempo é necessária também para que as pessoas tenham um percurso profissional sólido, rico. As pessoas não têm mais onde encaixar mais informação, mais formação. Acabam armazenando informações que não são processadas, vira um depósito, porque não há tempo de processar. Isso prejudica imensamente a educação em todos os níveis. Há um processo de desqualificação progressiva da maioria das pessoas que não têm tempo. Isso é muito injusto, entre outras coisas porque quem tem menos tempo são as mulheres.

Você acha que elas sofrem mais as conseqüências dessa pressão do tempo?

Não há a menor dúvida de que elas são as principais vítimas, o que não quer dizer que os homens também não estejam pagando por isso. Quando as mulheres se apresentaram no mercado de trabalho, era uma transgressão. Quem transgride, pede concessão; quem concede, exige. As mulheres chegaram e, para serem aceitas, é como se dissessem: "Você me deixa entrar e não vai nem perceber que sou mulher". A vida privada era uma espécie de "defeito". "Defeito" do casal? Não, "defeito" da mulher, embora a vida privada seja do casal, de homens e mulheres. Então elas fizeram tudo para ocultar a vida privada, para fingir que ela não existia. Como isso não era possível, porque esta nova vida não cabia em 24 horas, elas começaram a cobrar dos maridos uma participação maior, uma divisão maior. Isso esteve na origem de um grande número de separações, porque se acreditou que se podia resolver domesticamente um problema que é social.

O que você prega é justamente a necessidade de que a solução para esse mal-estar seja coletiva...

Exatamente. Isso não é um problema de um homem e uma mulher dentro de casa, é um problema de uma sociedade que não se reorganizou para dar conta da presença das mulheres no mercado de trabalho. Uma presença que, hoje, é fatal. A figura do provedor praticamente desapareceu nas famílias brasileiras. Um jovem de 15 anos, quando ouve a palavra provedor, pensa

num serviço virtual, não pensa na família. A população economicamente ativa em São Paulo já é mais de 50% feminina. Então, se o mercado de trabalho mudou, como os horários escolares podem continuar os mesmos? Os horários comerciais, os horários das repartições públicas? Tudo mudou e nada mudou. Fundamentalmente, quem está pagando por isso são as mulheres. São elas que estão tentando fazer o dia ter 48 horas. Mas isso transborda também para os homens, porque elas não dão conta. E esta falta de tempo rói também a relação amorosa, não sobra tempo para a gratuidade. Hoje em dia, um casal jovem pode ser definido como duas pessoas que chegam em casa exaustas e vão ainda compartilhar as dificuldades da vida cotidiana. Quando estas pessoas curtem uma à outra? Quando curtem os filhos? E ainda tem a agenda do consumo, os “compromissos” do final de semana. Por isso as pessoas vivem cansadas, condenadas a ser permanentemente uma mão-de-obra a serviço do consumo.

Quais são os princípios da “reengenharia do tempo” que você defende?

Não tenho um plano global montado, mas há medidas que são simples e podem facilitar muito a vida nas grandes cidades. Por exemplo, uma das grandes tragédias urbanas é o trânsito. Por que todo mundo tem de chegar às 9h no trabalho? Se os horários forem intercalados em 40 minutos, acaba o trânsito e muda-se a vida de muita gente. Outra coisa: se todo mundo trabalha a semana inteira, é preciso que o comércio tenha outro horário de funcionamento, aos sábados ou domingos. Na Itália, a cada semana um bairro fica com o comércio aberto. A mesma coisa deveria ser feita com os horários dos serviços públicos, porque todo mundo tem que tirar documentos. Os horários escolares têm de ser negociados em função de atores fundamentais da educação, que são os pais. Enfim, é necessário abrir a negociação com um conjunto de atores: a sociedade em geral, o patronato e o governo.

E especificamente com relação ao trabalho, o que poderia ser feito?

O que me aborrece em tudo isso é que temos recursos tecnológicos que nos permitiriam or-



ganizar a vida de um modo completamente diferente. Vivemos na era virtual com uma organização da era mecânica. A própria jornada de trabalho é uma loucura. Ninguém precisa mais estar oito horas no local de trabalho. É possível estar em outros lugares, fazendo outras coisas. A flexibilização do horário de trabalho pode ser muito eficiente. Significa que se trabalhe menos? Não, que se trabalhe diferente. Nossos tempos podem ser organizados para que cheguemos a uma mesma meta, que nos foi fixada, exigida. Nós podemos cumprir esta meta num percurso temporal organizado em negociação com a empresa. Isso não é impossível, os países mais desenvolvidos do mundo já estão fazendo. ►

Como você vê a iniciativa de empresas que abrem espaço para o lazer ou atividades voltadas para o bem-estar no ambiente de trabalho, mas sempre com um olho na produtividade?

Acho que há até uma tentativa muitas vezes bem intencionada por parte de algumas empresas de criar um espaço mais agradável de trabalho, ter um restaurante para que as pessoas não precisem sair... Mas isso cria uma claustrofobia muito grande. Elas têm que entender que a vida privada é privada, não se confunde com a vida da empresa. Por mais excelente funcionário que você seja, sua pessoa não se esgota no trabalhador. Há também o inverso disso, uma coisa tão perigosa quanto, que é o que na Inglaterra se chama de contrato de tempo zero. O empregado tem um celular, não está em momento algum na empresa. Mas, se o celular tocar no casamento da filha dele, ele tem de ir. Aí não vendeu só algumas horas do dia, vendeu o dia inteiro. É uma escravidão dourada, mas é escravidão. Não dá para confundir a vida pessoal com a vida da empresa.

Qual o papel das novas tecnologias nisso tudo?

As novas tecnologias são uma faca de dois gumes. Podem ser extremamente úteis na medida em que forem usadas com respeito pela privacidade dos indivíduos. É muito bom ter um computador e poder realizar um trabalho a partir da sua casa. O reverso disso é estar permanentemente usando esta tecnologia para o seu trabalho. É difícil para as pessoas encontrarem este equilíbrio. Com o celular é a mesma coisa. Ele abriu as portas das casas das pessoas. Mas ninguém impede alguém de desligar o celular. É por isso que insisto que a primeira grande liberdade é a liberdade de pensamento. É a tomada de consciência de que alguma coisa está errada e pode ser diferente, que é do seu direito que ela seja diferente, que você não está sendo relapso ou mau funcionário porque decidiu que desliga o celular quando chega em casa. Isso significa apenas que você reconheceu seu direito à vida privada. É preciso reconhecer o direito à vida privada como um direito de todos. Senão, não vamos reivindicá-lo.

E quais são os caminhos que você enxerga para esta reivindicação?

Em primeiro lugar é preciso chamar o problema de problema. Isso aqui não é a vida normal, não é a vida de todo mundo. É uma vida ruim para todo mundo, as pessoas não gostam disso. Tenho certeza de que este processo de mudança virá fatalmente, porque o modelo que vivemos não é sustentável. Ele está explodindo sob a forma de ruptura de casamentos, "deseducação" de crianças, com conseqüência nas drogas e na violência, abandono dos idosos, com uma imensa carga de amargura para uma geração que está vivendo abandonada. É algo que está se impondo como questão social e ideológica. A mudança vai acontecer por força de reivindicação, de argumentação das pessoas interessadas. Isso não é novidade na história. A jornada de oito horas foi uma batalha social imensa. A reengenharia do tempo deve ser uma bandeira política, deve entrar na agenda política brasileira. Quanto à presença de um mal-estar eu posso testemunhar. Lancei *A reengenharia do tempo* em vários lugares do Brasil, participei do programa *Roda viva* e no dia seguinte recebi mais de 10 mil *e-mails*, coisa que nunca tinha acontecido no meu *site*. Isso é apenas um testemunho de como este mal-estar é presente e como tem eco quando alguém tem a coragem de dizer que ele é legítimo, que não é um problema de personalidade, de desajuste, é um problema de muita gente. Quando esta consciência for mais generalizada, certamente nascerá um movimento pela reengenharia do tempo. Acho que já está acontecendo. Há empresas que estão discutindo isso. Recentemente, fui convidada da Comissão Econômica da América Latina para ser consultora nesta questão para a América Latina. Isso quer dizer que a ONU começa a passar recibo disso.

Como é a sua relação com o tempo?

Eu luto desesperadamente contra o tempo. Sou extremamente ocupada, faço muitas coisas, mas faço muitas coisas de que eu gosto. Passo uma boa parte do tempo escrevendo e isso foi uma conquista, minha reengenharia do tempo. Reservei um tempo para escrever porque isso é importante e eu gosto. Abdi quei de algumas vantagens de consumo, fiz escolhas de ganhar menos, não aceitar todos os convites para fazer palestras. Ganho menos, mas ganho mais. ■

Visitas guiadas ao passado

Programa da Fundação Parques e Jardins resgata história de espaços públicos para o carioca



Com visitas guiadas, é possível saber um pouco mais sobre paisagismo e obras de arte, como a ponte de ferro do Passeio Público, fundida na França

O Rio de Janeiro protagonizou há 200 anos um fato único no mundo, ao acolher a família real portuguesa: uma cidade colonial que se transformou no centro político de um império. Marcas da mudança, forjadas a partir de então, não faltam. São tantas, e tão harmonicamente distribuídas por parques e praças, que na maioria das vezes moradores e visitantes não se dão conta. Por isso, chega em boa hora o projeto Esse Parque Tem História, lançado em maio pela Fundação Parques e Jardins (FPJ).

A idéia surgiu de uma observação da presidente da fundação, Vera Dodsworth: "Quando estávamos restaurando o Chafariz de Mestre Valentim, percebi que muitos turistas vinham conhecer o monumento, o que me surpreendeu e me fez pensar nas visitas guiadas".

O programa por enquanto acontece somente no Passeio Público, parque restaurado há dois anos e que, apesar de localizado entre a Lapa e a Cinelândia, ainda é pouco visitado por conta de

uma fama negativa de tempos atrás, quando era considerado local sem segurança.

Guias ficam à disposição às quartas-feiras, das 10h às 12h, para quem quiser passear pelo parque e ao mesmo tempo aprender origens, histórias e curiosidades sobre cada cantinho, como as obras em ferro da famosa fundição de Val D'Osne, França, e árvores centenárias, além da contextualização histórica do lugar.

As visitas orientadas são gratuitas e somente em caso de um grupo grande recomenda-se agendamento. A fundação tem convênio com o Instituto Iguazu Ambiental, que encaminha estudantes voluntários para atuarem como guias. Depois de treinamento, cada guia é direcionado de acordo com a natureza dos roteiros: podem ser alunos de história, turismo e até de biologia – por exemplo, para parques naturais. Os organizadores também pedem que os visitantes registrem suas impressões e sugestões, uma participação que ajuda no desenvolvimento do projeto. ►

SERVIÇO

Programa Esse Parque Tem História – Toda quarta-feira, das 10h às 12h, visitas guiadas ao Passeio Público – Rua do Passeio, s/nº, Centro. O parque fica aberto das 9h às 17h. Grandes grupos podem fazer agendamento na Escola de Jardinagem, às terças e quintas-feiras, das 10h às 12h e das 14h às 16h, pelos telefones 2516-4097 ou 2223-3228.

TEXTO

BETE NOGUEIRA

FOTOS

DIVULGAÇÃO/FPJ

Vale a pena visitar

- **Parque Lage** – Com uma área total de 93,5 mil m², tem uma trilha aberta que atinge o morro do Corcovado e um lago. Projetado pelo paisagista inglês John Tyndale, em 1840, foi parcialmente reformulado nas décadas de 1920-30 e 1930-40, quando seu proprietário, o industrial Henrique Lage, mandou edificar ali uma nova residência. Seu estilo arquitetônico é classificado como eclético. Entre os destaques, um aquário construído em argamassa, imitando rochas e troncos de árvores, pontes, bancos e quiosques próximos ao lago.
Localização: Rua Jardim Botânico, nº 414, Jardim Botânico.

- **Bosque da Barra (Parque Arruda Câmara)** – Construído em 1981, é voltado à proteção ambiental e ao lazer interativo. Existem alamedas ideais para caminhadas, corridas e passeios ciclísticos. Além disso, há quatro churrasqueiras, sanitários e estacionamento. A partir de 1994, a FPJ, através do Projeto Flora do Litoral, implantou ali um horto destinado a pesquisas sobre propagação, adaptação e produção de mudas de restinga, denominado Horto Toledo Rizzini.
Localização: Quilômetro 6 da Av. das Américas, Barra da Tijuca.
Visitação: diariamente, das 9h às 17h.

- **Parque Ecológico Chico Mendes** – Áreas destinadas a jacarés-de-papo-amarelo e a jabutis. Tem torre de observação, parquinho com brinquedos, além de bancos de madeira e trilhas para visitas guiadas. Estacionamento para aproximadamente 40 veículos, salão de exposição para pinturas e fotos. Há também quatro bancos de concreto e mesinhas com tabuleiros de jogos.
Localização: Av. Jarbas de Carvalho, 679, entre a Av. das Américas e Av. Sernambetiba, no Pontal de Sernambetiba, Recreio dos Bandeirantes.
Visitação: diariamente, das 8h30 às 17h30. Entrada franca.

- **Parque Garota de Ipanema** – Espaço privilegiado pela paisagem e a vegetação, além de um atrativo para os amantes de esporte. O local tem quadra de jogos, rинque de patinação, duas pistas de *skate* e uma ciclovia, que vai até o Forte de Copacabana. Em 1994, o Garota de Ipanema passou a integrar a Área de Proteção Ambiental das Pontas de Copacabana e do Arpoador, na qual apenas são permitidas atividades que não afetem o ecossistema local.
Localização: Espaço entre a Av. Francisco Bhering e a Rua Francisco Otaviano, em frente à Praia do Arpoador, Ipanema.
Visitação: diariamente, das 6h às 19h, com entrada franca.

- **Parque da Serra do Mendanha** – Situado nas serras do Mendanha e do Quitungo, um dos últimos grandes remanescentes de Mata Atlântica da cidade. É a maior área de lazer da Zona Oeste, com imensa beleza nativa, contando com uma piscina natural e duchas com águas de nascente. Há duas trilhas ecológicas: uma circular com ponte de madeira suspensa e presa às árvores e outra que leva à torre de observação.
Localização: Bangu e Campo Grande.
Visitação: De terça a domingo, das 8h às 17h.

Fonte: Site da Fundação Parques e Jardins (www.rio.rj.gov.br/fpj)



Pioneiro – Restaurado em 2004 pela prefeitura – quando foram descobertas relíquias como a calçada do Café Theatro –, o Passeio Público voltou a ter o traçado de 1861, de autoria do paisagista francês Auguste Glaziou, por encomenda de D. Pedro II. Mas sua história é mais antiga: inaugurado em 1768, foi o primeiro jardim público do país. O projeto original era de Mestre Valentim, autor do famoso chafariz da Praça XV que, em breve, também constará dos roteiros históricos e de valorização do acervo monumental de diversos períodos da arte.

O programa deve ser estendido à Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, Zona Norte da cidade, e ao Campo de Santana, no Centro, nesta primeira fase. Dependendo da receptividade do público, as visitas guiadas poderão ser definitivamente incorporadas à cidade, ganhando mais opções de horário.

O critério de escolha passa pela importância histórica, além de valores estéticos. “A idéia é fazer desses locais uma espécie de museu a céu aberto. No Passeio Público, planejamos até um café, para incorporar definitivamente o local ao dia-a-dia do carioca. A revitalização da Lapa é um apelo a mais”, conclui Vera. ■

Ação antitabagista na escola

SME e SMS trabalham a prevenção do tabagismo entre alunos do ensino fundamental

O combate ao fumo chega à rede municipal de ensino com o projeto Promoção de Saúde nas Escolas Rumo ao PAN 2007 Livre do Tabaco. A campanha, realizada pela Secretaria Municipal de Saúde (SMS) em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação (SME), pretende prevenir de forma permanente o tabagismo entre alunos do ensino fundamental. O primeiro passo foi dado no dia 31 de maio, o Dia Mundial Sem Tabaco, com um seminário que reuniu 120 profissionais ligados às duas secretarias. Até o fim deste mês serão promovidos cursos de quatro horas de duração em todas as Coordenadorias Regionais de Educação (CREs) para disseminar idéias antitabagistas.

A iniciativa surgiu com a promulgação do Decreto 23.721, de 26/11/2003, que criou o projeto PAN Livre do Tabaco e instituiu seu comitê organizador, composto por 10 secretarias municipais. Os cursos, ministrados pela coordenadora do Programa de Controle de Tabagismo da SMS, Sabrina Tresnan, e pela psicóloga Ana Helena Rissin, querem sensibilizar os professores da Rede para se tornarem multiplicadores de atividades relacionadas ao tema nas escolas, por meio de diferentes linguagens, tendo em vista a promoção de hábitos saudáveis nos alunos. A expectativa é de que participem cerca de 600 educadores.

“Queremos que o assunto seja abordado pelos professores interdisciplinarmente dentro das salas de aula. É possível realizar um trabalho de prevenção contínua”, ressalta Sabrina. O representante da SME no Comitê PAN 2007 Livre do Tabaco, Cláudio Dutra, concorda que o tema pode ser trabalhado de forma educativa e cita dois aspectos relevantes do projeto. “Em primeiro lugar, trata da promoção da saúde dos alunos, o que merece atenção especial. Além disso, visa à preparação da cidade para um 2007 saudável”. A preocupação com o tabagismo entre jovens é antiga, mas ao longo dos anos o perfil do adolescente fumante vem se alterando.

A coordenadora do Programa de Controle de Tabagismo lembra que o número de meninas que fumam cresceu nos últimos anos, segundo dados da pesquisa Vigiescola (Inquérito de Ta-



bagismo em Escolares), realizada em unidades escolares com alunos entre 13 e 15 anos de idade pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 12 capitais brasileiras. Apesar de constatada a predominância de tabagistas do sexo masculino na maioria das cidades, a pesquisa revela que as meninas passam a experimentar o cigarro mais que os meninos, apesar de não se tornarem fumantes regulares.

Para Dutra, o trabalho deverá facilitar a implementação do projeto Escolas Promotoras de Saúde nas unidades escolares da rede municipal de ensino que além de contar com atendimento médico e odontológico abordam com os alunos questões ligadas à saúde, incentivando a aquisição de hábitos saudáveis e a prevenção ao tabagismo.

Pelo decreto, a realização dos Jogos Pan-americanos no Rio de Janeiro no próximo ano será uma oportunidade para a construção de ambientes mais favoráveis à saúde, estimulando a prática da atividade física, a alimentação saudável e o combate ao fumo, ■

TEXTO

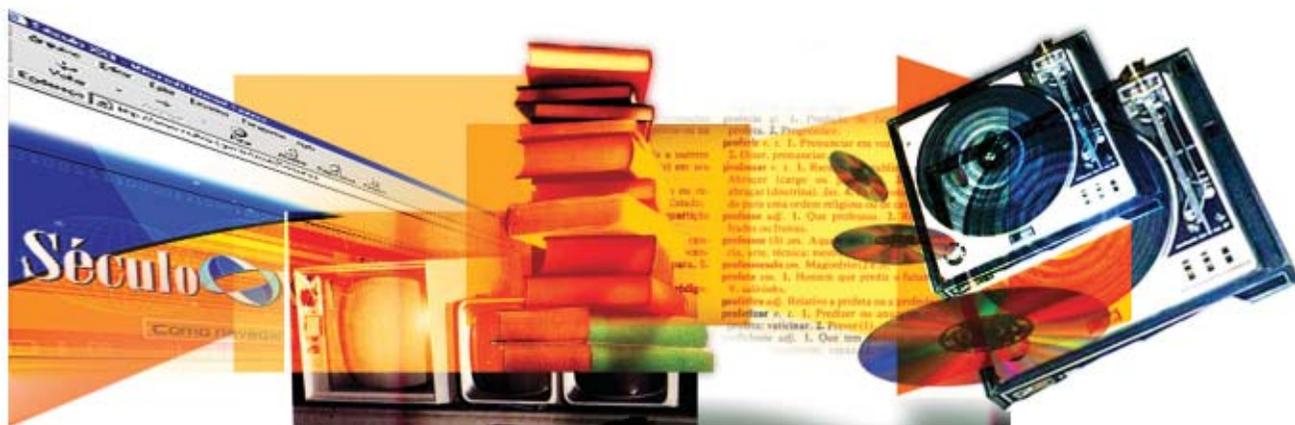
CAROLINA BESSA E
DIANA DE PAULA

ILUSTRAÇÃO

ALINE CARNEIRO

Novidades na tela do monitor

Mais de 50 textos inéditos sobre temas variados estão nas CHAVES do programa Século XX1



O programa Século XX1 produziu ao longo do primeiro semestre de 2006 conteúdo exclusivo para a atualização de suas CHAVES. Temas tão variados como Guerra, O Novo Mundo do Trabalho, Funk & Rap, Violência Urbana, Juventude, Sexo e Mídia e Água entraram em pauta. Foram ouvidos especialistas, profissionais e personalidades, como o antropólogo Luiz Eduardo Soares, o jornalista e escritor Alberto Dines, o teledramaturgo Manoel Carlos, o publicitário Lula Vieira, o professor Emir Sader e os críticos musicais e pesquisadores José Ramos Tinhorão e Sérgio Cabral, entre muitos outros.

Para falar sobre a abordagem da imprensa brasileira a respeito de conflitos mundiais, na CHAVE Guerra, foi escalado o professor e autor de livros sobre comunicação social Nilson Lage. Já Alberto Dines, jornalista e apresentador do programa de TV *Observatório da imprensa*, analisa o comportamento da mídia em relação ao recente episódio das charges sobre o profeta Maomé, publicadas na Dinamarca, e que provocaram indignação no mundo muçulmano. Além disso, há um histórico de ações terroristas no mundo, um perfil dos grupos terroristas mais conhecidos, e histórias de resistência desses grupos.

Na CHAVE Funk & Rap o antropólogo Hermano Vianna fala do *funk* como movimento cultural e os jornalistas Tom Leão e José Ramos Tinhorão analisam o estilo musical. O ar-

quiteto e urbanista Manoel Ribeiro vê o movimento como alternativa de inclusão social para a população de baixa renda, com o que concorda a cineasta gaúcha Denise Garcia, diretora do documentário *Sou feia, mas tô na moda*. Entre as atualizações relativas ao tema, estão também uma matéria com a coordenadora da Central Única das Favelas (Cufa), a *rapper* Nega Gizza, e um depoimento do jornalista e estudioso de MPB Sérgio Cabral, que confronta *funk* e samba.

Violência e criminalidade são temas da análise de Luiz Eduardo Soares, ex-subsecretário de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro e ex-secretário nacional de Segurança Pública, na CHAVE Violência Urbana.

A CHAVE O Novo Mundo do Trabalho expõe as dificuldades e frustrações vividas e os preconceitos de que são vítimas tanto os brasileiros que migram para os Estados Unidos como os que buscam o eldorado em terras paraguaias. A dificuldade em definir o futuro profissional é o assunto abordado pela psicóloga Fátima Lacerda Coppolecchio, consultora de recursos humanos. Como contraponto, cinco jovens abrem seus corações, confessando suas escolhas pessoais e falando de comportamentos impostos pelos pais.

Para saber realmente se sexo dá ibope na TV, a CHAVE Sexo e Mídia ouviu profissionais envolvidos com o veículo. O psiqui-

TEXTO

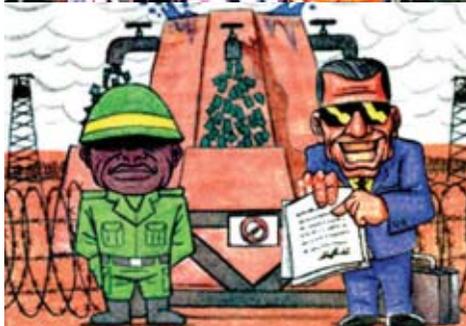
LUIS ALBERTO PRADO, EDITOR
DO PROGRAMA SÉCULO XX1

IMAGENS

REPRODUÇÕES DO SITE DO
PROGRAMA

atra e apresentador de TV Jairo Bouer confirma que o sexo mexe com o imaginário popular, daí a freqüência das cenas que sugerem sexo na TV. Já a jornalista Amelia Gonzalez, editora do suplemento *Revista da TV* de *O Globo*, que observa a televisão de uma maneira simples, objetiva e desmistificada, faz coro com o teledramaturgo Manoel Carlos, para quem o sexo desperta interesse em qualquer veículo de comunicação, incluindo TV, cinema e teatro. E não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro. Zico Góes, diretor de programação da MTV Brasil, acredita que sexo dá ibope na TV, “porque o ser humano gosta de olhar a intimidade dos outros”. Já a médica psiquiatra e professora da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) Evelyn Eisenstein vê o sexo sendo usado como estímulo ao consumo na TV. Com o que concorda em parte o publicitário Lula Vieira. Para ele, sexo dá ibope em qualquer mídia, mas “é preciso prestar muita atenção ao tipo de público ao qual você se dirige”.

Assunto que atormenta ambientalistas do mundo todo, a escassez dos recursos hídricos no planeta é tratada na CHAVE Água. O biólogo Cesar Pegoraro questiona o fim das reservas naturais de água potável e alerta que o aumento da população mundial provoca uma busca frenética e desorganizada pelo seu consumo. O especialista em educação ambiental Jaime Pacheco dos Santos observa uma queda de oferta de água na Ásia e na África. A questão da transposição das águas do Rio São Francisco é assunto para João Suassuna, pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco (PE), e um dos maiores especialistas em recursos hídricos e desenvolvimento do semiárido. Em sua opinião, cerca de 17 milhões de brasileiros ainda sofrem com o secular problema da falta de água. A boa notícia, no entanto, vem de São Lourenço, Minas Gerais. Conhecidas mundialmente pelo seu poder curativo, as fontes de água da cidade mineira não mais estão ameaçadas, pois a empresa suíça Nestlé fez acordo para pôr fim ao processo instaurado pelo Ministério Público do estado contra a multinacional pela superexploração de suas fontes de água mineral medicinal. ■



SAIBA MAIS

Programa Século XX1
www.multirio.gov.br/

Convivência com a felicidade

Projeto da Obra Social oferece opções de lazer para afastar idosos da solidão e da exclusão social

TEXTO
MARIANGELES MAIA E EQUIPE
DA OBRA SOCIAL DA CIDADE
DO RIO DE JANEIRO

FOTOS
ALBERTO JACOB FILHO

O ambiente é acolhedor: sala de estar e copa em cores vivas, varanda com flores... O cenário se completa com música, que está sempre no ar, e com a alegria estampada no rosto de quem circula pelas Casas de Convivência e Lazer para Idosos. Tudo é programado para que os idosos se sintam como se estivessem em suas próprias casas. O projeto, mantido pela Obra Social da Cidade do Rio de Janeiro, existe há três anos e já mudou a vida de centenas de pessoas acima dos 60 anos. Em quatro unidades (*ver endereços no box*), os idosos encontram um espaço agradável e cheio de vida, dedicado à troca de experiências, ao lazer e ao bem-estar físico e psicológico.

O principal objetivo é o combate à solidão e à exclusão social. Os benefícios, no entanto, vão muito além disso. Com atividades como yoga, oficinas de teatro, coral, dança de salão, alongamento, artesanato e tai-chi-chuan, os idosos redescobrem o prazer de fazer amigos, criam novos interesses e mantêm o corpo em atividade constante. “Há exemplos de pessoas que chegaram deprimidas, apoiadas em uma bengala. Com um mês, já esquecem a bengala aqui. A gente diz: ‘Ótimo, não precisa mais de bengala’”, conta Maria Helena Ribeiro, coordenadora geral do projeto.

Ao sabor da música – Na Casa Lota de Macedo Soares, em Botafogo, o karaokê é uma das atividades mais animadas. Uma vez por semana, os idosos soltam a voz, acompanhados de um violonista, com direito a microfone e aplausos. Aos 81 anos, Dirce Araújo da Mota não perde uma

oportunidade de entoar suas melodias favoritas. “A Casa Lota é uma bênção. Sempre gostei de cantar, de me apresentar...”, enumera, satisfeita. Todas as atividades são gratuitas e para participar basta fazer um cadastro em uma das casas.

Além das aulas regulares, são realizadas palestras, sessões de cinema e teatro, shows de música ao vivo e eventos temáticos, como festas juninas, aniversariantes do mês, carnaval, Natal e festa da primavera. Todas as atividades atendem a cinco diferentes perspectivas, consideradas fundamentais ao trabalho: descoberta de talentos e habilidades, resgate das memórias afetivas, improviso, integração, recuperação da auto-estima e do protagonismo em relação à própria história. “Circulam em média pelas atividades 60 pessoas por dia, mas umas 20 são assíduas e passam o dia todo na casa”, revela Maria Helena.

Na prática, não faltam exemplos para ilustrar o que a coordenadora do projeto defende. Quem vê o trabalho desenvolvido dificilmente consegue ficar de fora. É o caso de Edna Borrielo, que tem 60 anos e conhece as Casas há dois anos e meio. Especialista em gerontologia, Edna foi convidada a fazer uma série de palestras e não deixou mais o convívio da Casa Lota de Macedo Soares. Agora, quando não é a palestrante, ela dança, canta, faz aulas de yoga... “As pessoas estão felizes aqui. Passando da porta, você respira felicidade. Vi muitos chegarem aqui nervosos, desconfiados, até agressivos. As pessoas se transformam completamente”, conclui Edna. ■

Onde encontrar as Casas

Casa	Endereço	Telefone	Atendimentos em maio
Lota de Macedo Soares	Rua Sorocaba, 595, Botafogo	2527-5106	4.352
Bibi Franklin Leal	Rua General Espírito Santo Cardoso, 514, Tijuca	2288-3330	6.158
Dercy Gonçalves	Travessa Cristiano Lacorte, 54, Copacabana	3113-1574	6.734
Naná Sette Câmara	Avenida Niemeyer, 776, São Conrado	3111-1113	4.929



O espaço da diferença na formação de leitores

Criadas em 1985, a partir de experiências com enfoques um pouco diversos – como as antigas bibliotecas ou ainda as salas de multimeios –, as salas de leitura em sua concepção atual representam um espaço insubstituível para a formação de alunos e de professores leitores nas escolas municipais. Através de programas do governo federal, como o MEC/PNBE, e também pelo compromisso do governo municipal de destinar verbas para a aquisição de livros tanto nas bienais como nos salões do livro, a possibilidade de acesso a um acervo, que a partir de 1998 tem-se enriquecido, cria um ambiente altamente propício ao desenvolvimento do interesse pela leitura.

Destinadas a acolher um acervo maior de livros e de fitas de vídeo e disponibilizá-los às demais salas de leitura, as salas de leitura-pólo incorporam o que há de melhor na literatura em língua portuguesa. Livros como *Os sermões*, de Padre Antônio Vieira, ou a *Obra poética*, de Fernando Pessoa, alinham-se com *Vidas secas* ou *Memórias póstumas de Brás Cubas*, e ainda com uma seleção de autores de literatura brasileira.

Todos os gêneros são valorizados: a narrativa, o teatro, a poesia e, paralelamente a esta riqueza de possibilidades, temos também obras de reflexão sobre a formação do povo brasileiro, sobre nossa história econômica, política e social. Autores como Sérgio Buarque de Holanda, Raimundo Faoro, Gilberto Freyre, Celso Furtado, entre tantos outros, enriquecem esses acervos.

Além dessa biblioteca destinada em princípio ao professor, existem nas salas de leitura livros especializados, dedicados à formação dos profissionais do magistério, abordando desde as principais teorias relativas ao desenvolvimento e à aprendizagem (como *A formação social da mente* e *Pensamento e linguagem*, de Vygotsky) até obras que tratam de questões didático-pedagógicas, de gestão escolar, de políticas sociais, enfim, uma seleção de leituras fundamentais para a formação do professor.

Para crianças e jovens, as obras são cuidadosamente selecionadas, valorizando autores e ilustradores premiados no Brasil e no exterior. Muitas salas de leitura ostentam em suas estantes a obra completa de Monteiro Lobato, a grande referência para a maior parte dos escritores que

se dedicam a escrever para esse público especialíssimo.

Lygia Bojunga, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Fátima Miguez, Nilma Lacerda, Roger Mello, Bartolomeu Campos de Queirós, vencedor do Prêmio Nestlé de Literatura 2005, com o livro *O olho de vidro do meu avô*, são autores com os quais nossos alunos já têm certa intimidade, tanto pelas obras como pelas visitas que as escolas públicas têm feito às bienais e salões do livro, oportunidades privilegiadas para esses encontros entre autor e leitor.

A política de formação de leitores, ainda que tímida, tem promovido algumas transformações que já permitem perceber um novo olhar sobre o nosso trabalho. Paralelamente à oferta de livros de literatura pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura), há um compromisso efetivo da Secretaria Municipal de Educação (SME), através da Divisão de Mídia Educação e em parceria com a MULTIRIO, com a finalidade de promover cursos que enriqueçam as experiências dos professores de salas de leitura, de modo que, como multiplicadores, compartilhem esses conhecimentos com os coordenadores e professores regentes de turmas. Essas experiências têm dado origem a vários projetos desenvolvidos com os alunos, como a criação de vídeos, de animações, de *blogs*, de jornais e de livros, que ampliam o universo de leitura, transitando pelas mais diversas linguagens. Do Códice à tela, parafraseando Chatier, nossos caminhos vão se alargando e vamos nos apropriando dessas novas linguagens.

O primordial, quando se discute a formação de leitores, é compreender que qualquer iniciativa tem de priorizar o acesso do professor e do aluno ao livro de literatura. É importante frisar de forma enfática esse aspecto para não incorrer no equívoco de considerar que o livro didático pode suprir a falta da obra literária.

Em artigo recente, o poeta Afonso Romano de Sant'Anna discutiu a questão da qualidade dos livros escritos para crianças e jovens e tem sido incisivo quando define o que considera leitura de qualidade. Segundo ele, o professor tem grande responsabilidade na avaliação de leituras a serem indicadas para os alunos. Há ►



Stella de Moraes Pellegrini
E.M. México
Professora da sala de leitura

muitos títulos à disposição, promovidos pelas editoras, principalmente, através das bienais, do Salão do Livro Infantil e Juvenil e da Primavera dos Livros. Um cuidado, portanto, é fazer a seleção criteriosa daqueles que vão compor o acervo das salas de leitura e bibliotecas. Essa responsabilidade é do professor e não pode ser delegada a editora alguma.

E como se pode apurar a sensibilidade, a capacidade crítica para enfrentar esse desafio? Lendo muito, lendo todos os livros – os que forem indicados e os que não forem –, pois existem fortes interesses comerciais em jogo na indicação de livros, principalmente para as instituições públicas. Segundo depoimento da escritora e pesquisadora francesa Virginie Lou, no colóquio de Roger Chartier, acontecido em setembro do ano passado, na PUC-Rio, “esse mercado é altamente rentável e pouco a pouco os intelectuais vão sendo substituídos pelos empresários na direção das editoras”. Temos pois o compromisso político de cobrar qualidade das obras destinadas às escolas públicas.

No monólogo *Livro*, Lygia Bojunga fala de sua experiência de leitora com seis autores e que ela batiza como seis casos de amor. O primeiro amor foi Monteiro Lobato; o segundo, Edgar Allan Poe; o terceiro, Dostoiévski; o quinto, Rilke e o sexto, Fernando Pessoa. Ao narrar o quarto caso de amor, a autora nos surpreende, omitindo o nome do autor. E o faz por vergonha, como ela mesma confessa, pois não o considera escritor de literatura. Seus livros não têm qualidade literária, entretanto Lygia se sente totalmente absorvida por aquela leitura, mesmo sofrendo a crítica veemente de uma grande amiga, “superligada intelectualmente

nos livros” e que lhe diz: “Sabia que esse fulano escreve livro por receita?”

Lygia reflete: “A tal receita não tinha mesmo nada de original. Um tanto de romantismo (era o ingrediente básico), um tanto de violência, outro tanto de erotismo (mas parece que ele tinha dificuldade de encontrar esse ingrediente na forma pura e então acabava sempre usando um quebra-galho, um tal de pornô), e aí ele salpicava suspense, misturava de um jeito lá muito dele. E servia sem nem dar tempo de ir ao forno”. Por oposição, Lygia nos define o que é literatura.

Daniel Pennac, em *Como num romance*, estabelece os direitos Imprescritíveis do leitor e, entre eles, o direito de ler qualquer coisa. Lygia exerce esse direito ao fazer sua escolha. Entretanto, nas primeiras séries escolares, principalmente, a seleção cuidadosa das leituras é primordial. Na adolescência, certamente, os jovens buscarão suas leituras independentemente de orientação e farão como Lygia, depois de ler vários livros daquele autor cujo nome não divulgou:

“E lá, um dia, anunciaram o último lançamento dele. Corri, comprei; e fui lendo com a mesma avidez, com a mesma escondidez de sempre. Mas à medida que eu ia lendo, eu ia ficando, primeiro, perplexa, depois, indignada. E quando cheguei ao fim do livro eu estava me sentindo positivamente traída. (...) Rasguei o livro na hora. (Uma droga de publicação, aquilo rasgava à toa, à toa).”

Um bom leitor faz as próprias escolhas, mas essa competência desenvolve-se através da leitura. O maior compromisso das salas de leitura, portanto, é promover o acesso irrestrito ao livro. ■

Se você acha que toda criança e todo jovem devem ter acesso à mídia de qualidade, venha para o Rede Mídia.



www.multirio.rj.gov.br/riomidia



Aposentadoria sem mistério

Manual on line informa servidores sobre as regras que contam quando chega a hora de parar

Professores da rede municipal prestes a se aposentar encontram no Manual do Servidor Aposentável um valioso acervo de informações que respondem às suas dúvidas mais frequentes em relação à concessão do benefício. A produção da cartilha é uma iniciativa da Coordenadoria de Administração de Recursos Humanos da Secretaria Municipal de Administração (SMA) em conjunto com o Instituto de Previdência do Município do Rio de Janeiro (Previ-Rio) e está disponível a todos os funcionários da prefeitura.

As informações podem ser acessadas pela intranet e pela internet (www.rio.rj.gov.br/sma). Na *web*, basta clicar no *link* Recursos Humanos e depois em Manuais e Formulários. Em seguida, no item Benefícios, escolher Manual do Servidor Aposentável, que está disponível em arquivo de Word, com nove páginas.

De acordo com a coordenadora de Administração e Recursos Humanos da Secretaria, Eliane Bastos Martins, muitos funcionários recorriam ao setor por *e-mail* ou por telefone para conhecer detalhes sobre questões previdenciárias. Muito embora o atendimento a esses servidores esteja hoje a cargo do Previ-Rio, os dois órgãos resolveram elaborar em conjunto o Manual.

Nele o servidor encontra informações sobre a documentação necessária para requerer a aposentadoria voluntária e onde e quando requerer o benefício. Regras de aposentadoria voluntária em vigor, aposentadoria por tempo de serviço ou de contribuição, com proventos integrais e proporcionais, e aposentadoria compulsória e por invalidez estão entre os outros assuntos tratados no Manual.

Segundo a coordenadora de Administração e Recursos Humanos da SMA, a previdência é um assunto altamente complexo e por isso não é raro os servidores terem dificuldade em compreender as regras previstas em lei. “Alguns deles se encaixam em mais de uma situação de aposentadoria. Nós analisamos qual é a mais vantajosa”, explica.

A intenção da Coordenadoria é que o Manual esteja sempre atualizado porque as regras previdenciárias mudam ao sabor de novas emendas constitucionais. E mesmo com essas modificações alguns itens continuam em vigor. Ainda assim servidores com dúvidas ou dificuldades para efetuar o cálculo do seu benefício podem entrar em contato com a Previ-Rio pelo *site* www.rio.rj.gov.br/previrio ou pelo telefone 2273-3000. Na página da SMA, no *link* Recursos Humanos, o servidor também encontrará orientação sobre assuntos como averbação de tempos de serviço, enquadramento por formação (magistério), programa de abono-permanência, salário-família, questões relativas ao emprego em cargo efetivo e readmissão e acumulação de cargos, entre outros. ■

TEXTO

CAROLINA BESSA

IMAGENS

SITE DA SMA



Compromisso com a infância



Conhecer a natureza e a organização do trabalho desenvolvido com crianças até seis anos de idade é fundamental para estreitar a parceria e o diálogo dos educadores infantis com toda a rede de ensino.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Nº 9394/96) compreende a educação infantil como a “primeira etapa da educação básica”, estabelecendo um conjunto de propósitos fundamentais ao pleno desenvolvimento das crianças na faixa etária dos zero aos cinco anos, justificando-os na singularidade das crianças, nas formas próprias como interagem com o mundo a partir do seu universo de significações. Essa singularidade nos faz entender que não cabe mais pensar esse tempo na vida escolar das crianças como um tempo de prepará-las e assisti-las, desconsiderando seus direitos, dignidade, histórias, brincadeiras, os cuidados essenciais ao seu desenvolvimento, enfim, todas as experiências possíveis na contribuição ao exercício de sua cidadania.

“Havia uma desconfiança: o mundo não terminava onde os céus e montanhas se encontravam. A extensão do meu olhar não podia determinar a exata dimensão das coisas. Havia o depois. Havia o lugar do sol se aninhar enquanto a noite se fazia. Havia um abrigo para a lua enquanto era dia. E o meu coração de menino se afogava de desesperança. Eu que não era marinheiro nem pássa-

ro – sem barco e asa. Um dia aprendi com Lili a decifrar as letras e a soma. E a palavra se mostrou como um caminho poderoso para encurtar distância, para alcançar onde só a fantasia suspeitava, para permitir silêncio e diálogo. (...)”¹

Apropriar-se da língua materna possibilitou ao escritor ler o mundo de uma forma mais complexa, mais significativa, mais real, e esse real não impediu a sua capacidade criadora de interpretá-lo e compreendê-lo na sua dimensão de artista. Assim devemos entender o fazer pedagógico na educação infantil: criador de espaços, tempos e experiências que permitam às crianças a construção de um universo de significações, além de possibilitar que se descubram enquanto sujeitos desse universo.

Leontiev em seus estudos ressaltava a importância de uma metodologia própria no que concerne à investigação do desenvolvimento infantil, uma vez que as relações de conhecimento produzidas na escola devem estar vinculadas às condições concretas da vida da criança:

“(...) ao estudar o desenvolvimento da psique infantil, nós devemos começar analisando o desenvolvimento da atividade da criança, como ela é construída nas condições concretas de vida. Só com este modo de estudo pode-se elucidar o papel tanto das discussões externas de sua vida, como das potencialidades que ela possui.”²

TEXTO

EQUIPE DO E/DGED/
EDUCAÇÃO INFANTIL, DA
SECRETARIA MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO DO RIO DE
JANEIRO

ILUSTRAÇÃO

GUSTAVO CADAR

¹ Bartolomeu Campos de Queirós.

² Leontinev, 1988, p. 63.

Nesta perspectiva, o fazer pedagógico deve se vincular às formas próprias que as crianças apresentam nas suas interações, assim como o compromisso dos educadores com o contexto social e suas histórias. A escola/creche é um lugar de interações entre pessoas e, portanto, momento único para a troca de experiências, influências, saberes e fazeres. Quanto mais próximo e acolhedor for este espaço e as relações entre profissionais e crianças, mais influências terão na construção de suas histórias, dentro e fora da instituição.

“Tenho medo do que é novo e tenho medo de viver o que não entendo – quero sempre ter a garantia de pelo menos estar pensando que entendo, não sei me entregar à desorientação.”³

Este é o ponto-chave da questão. Em relação à educação infantil, o fazer pedagógico não pode se configurar na extensão da casa da criança e das atitudes e responsabilidades de seus familiares. Embora a escola/creche represente também parte de sua vida, as intenções educativas precisam refletir o compromisso social dos educadores com a infância de suas crianças.

A creche e a escola precisam marcar significativamente a vida das crianças a que atendem. O educador não pode se furtar da consciência do seu fazer, desenvolvendo uma rotina aleatória às reais necessidades das crianças. É preciso saber o que faz, o por quê faz e avaliar o tempo todo as marcas de sua atuação.

Rubem Alves certa vez participou de um congresso na Itália onde foram distribuídos os 10 Direitos Naturais da Criança, que em um de seus livros fez questão de referendá-los para compartilhar desse saber com os educadores:

1. Direito ao ócio
2. Direito a sujar-se (inclusive com areia, terra e lama)
3. Direito aos sentidos (direito a sentir o gosto e os perfumes da natureza)
4. Direito ao diálogo
5. Direito ao uso das mãos (pregar pregos, cortar madeira, lixar, modelar com barro...)
6. Direito a um bom início (comer alimentos sãos, beber água limpa e respirar ar puro)
7. Direito à rua
8. Direito à natureza selvagem (construir uma cabana no bosque, subir em árvores, ...)

9. Direito ao silêncio (inclusive a ouvir o barulho do vento, do próprio corpo, o canto dos pássaros, ...)

10. Direito à poesia (ver o sol nascer e se pôr, ver as estrelas e a lua, cantar, ...)⁴

Parece simples, contudo é preciso que se tenha ciência de que essas ações fazem parte da natureza infantil, foram importantes na nossa infância e continuam sendo importantes na infância de nossas crianças. Ainda assim, se há outras coisas as quais não vivemos enquanto crianças e que fazem parte do universo infantil atual, precisamos encontrá-las no nosso fazer pedagógico.

“Parece fácil! Mas é difícil! Um belo dia você vai ter que aprender...”⁵

Será que é tão difícil assim? Rubem Alves nos faz entender que não podemos esquecer de como vivemos esta fase em nossas vidas e do quanto essas experiências nos constituíram o educador que somos hoje.

Ao receber os 10 Direitos, Rubem Alves pediu licença no congresso para acrescentar o que chamou de “décimo-primeiro direito” e, diríamos, mandamento:

11. Todo adulto tem o direito a ser criança...”

Não somente ser como viver intensamente o sabor da dimensão do seu fazer pedagógico e, mais uma vez, pedindo licença e apropriando-se de Rubem Alves, concluímos nossa conversa com uma passagem de um de seus brilhantes textos sobre educação:

“(...) A jovem mãe se levantou e, sorrindo, se explicou (ao diretor da escola) :

– O senhor sabe ... como já lhe disse, estou à procura de uma escola que seja boa para os meus filhos. A coisa que mais desejo para meus filhos é que eles sejam felizes. (...)”⁶ ■

³ Clarice Lispector

⁴ ALVES, Rubem. *Conversas sobre educação*. Campinas, Verus, 2003.

⁵ Folclore brasileiro.

⁶ _____, p. 88, 2003.

Referências bibliográficas

ALVES, Rubem. *Conversas sobre educação*. Campinas, Verus, 2003

OLIVEIRA, Z. M. R. de. *Educação infantil: fundamentos e métodos*. S. Paulo, Cortez, 2002.

RIO DE JANEIRO. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. *Multieducação Temas em debate. Educação infantil – revendo percursos no diálogo com os educadores*. 2005.

Origem lúdica das palavras

Programa 'Gerúndio & Cacófato' tem fórmula divertida para tirar dúvidas sobre língua portuguesa

“Ao oferecer *pipoca* ao *banguela* que morava no *cortiço*, o *charlatão* viu sua casa virar uma *baderna*, com *abajur* e outros objetos quebrados. A atitude do banguela fez o charlatão encerrar o *diálogo* entre eles.”

Este texto curtíssimo é só para demonstrar como existem termos tão corriqueiros, que têm sua origem desconhecida pela maioria dos brasileiros, até porque ao longo do tempo incorporamos vocábulos dos mais diferentes lugares e nem sempre mantendo o seu significado inicial. A etimologia das palavras é o tema da nova safra de programas *Gerúndio & Cacófato*, uma produção da MULTIRIO.

A fórmula é simples, eficiente e aprovada pelos educadores da Diretoria de Mídia e Educação (DME) da produtora de mídias da prefeitura: o ventríloquo e marceneiro Gerúndio (interpretado pelo mágico Gerardi) conversa com o divertido boneco de madeira Cacófato, e no bate-papo entre criador e criatura surgem as palavrinhas de origem desconhecida. O boneco, apesar de esperto, geralmente acaba aprendendo com Gerúndio. Mas como é impossível o domínio e o conhecimento completo da língua, até mesmo o mais esperto dos fazedores de bonecos de vez em quando faz as vezes de aprendiz.

TEXTO

BETE NOGUEIRA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

Confira os episódios que já foram ao ar

Verbos – O verbo é a palavra mais rica em flexões. Às vezes, esquecemos o acento que diferencia singular de plural, nos enganamos na hora da conjugação ou nos confundimos quando se trata de verbo irregular.

Vim, vir; Houve, houveram; Verbo ver; Faz, fazem
Tem, têm; Seja x seje, esteja x esteje; Verbo pôr;
Saiu saíram; Incendeio x incendio?

Vícios de linguagem – Expressões, palavras mal empregadas ou construções rebuscadas condenáveis.

Essa tipóia, ela incomoda muito; Estrangeirismos;
Não se encontra; A maldição do gerundismo;
Asterístico; É ruim; Preço barato

Acentuação e pontuação – Quando usar crase e vírgula.
Venda a prazo; Dar à luz; Uso da vírgula

Pronomes – Quando usar mim ou eu; quando usar singular ou plural.

Se amostrar; Entre mim e você; Vamos se encontrar;
Pra mim, pra eu

Preposição – O “a”, quando é preposição, causa muitas dúvidas. Há ainda expressões não recomendadas...

Ao encontro de; A nível de; Ao meu ver; Em principio

Advérbio – O advérbio pode mudar o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio.

Onde?; Através

Concordância – Pode ser nominal ou verbal. Há três programas sobre concordância nominal:

Zero graus; Meia noite e meia; Trocar os óculos

Flexões – Os substantivos são flexionados para indicar número, gênero ou grau.

Plurais; Vogais e plurais; Masculino e feminino;
Menos x menas; Meio x meia

Semântica – Conhecendo o significado das palavras, em seus contextos, fica mais fácil acertar na hora de falar ou escrever.

Estada ou estadia; Fragrante ou flagrante;
Sessão, seção e cessão; Eminência ou iminência;
Descriminação x discriminação; Anti e ante;
Concerto e conserto

Figuras de linguagem – Também chamadas “figuras de estilo”, são recursos especiais para dar expressividade ou ênfase.

Metáforas; Eufemismo; Metonímia

Outros programas

Palavras, palavras; Neologismo semântico;
Mais bem, mais mal; Bem-vindo; Expressões em latim;
Nada a ver; Sic Qualquer risco;
O time empatou em; Mal acompanhado;
Cacófatos;
Privilégio/previlégio



O mágico Gerardi interpreta o ventríloquo Gerúndio, que tira dúvidas sobre o Português em conversas com o boneco Cacófato

A ludicidade tira o tom professoral da miniaula, o que chama a atenção de crianças e adultos, capazes de captar de imediato a mensagem. O assunto pode ainda ser aprofundado em sala de aula, como explica Maria Teresa Lacerda Coelho, assessora da DME e responsável pelas sinopses dos programas, roteirizados depois por Bruno Sampaio e dirigidos por Alexandre Franco Montoro.

Lançado há dois anos, até então o programa da dupla era centrado nos erros que muitas vezes cometemos sem perceber, ensinando a forma correta do português nosso de cada dia. São quadros curtos, com cerca de três minutos, exibidos pelo canal 14 da Net e na BandRio – emissora que, aliás, se encantou com o programa e o tem exibi-

do ao longo do dia, ultrapassando o horário já programado para a faixa ocupada pela MULTIRIO.

O novo pacote, com 16 programas e previsto para estrear agora no 2º semestre, está em fase de produção. Além das palavrinhas em destaque na abertura, a dupla explica a etimologia de *companhia*, *lente* e *gol*, entre outros. “Temos uma grande variedade de empréstimos lingüísticos, seja do tupi-guarani, inglês, francês ou latim, por exemplo”, comenta Teresa. “Baderna”, quem diria, era o nome de uma dançarina italiana, Maria Baderna. Mas como chegamos a esta associação, transformando-a em sinônimo de bagunça? Só ficando ligado nas conversas que acontecem na marcenaria de Gerúndio. ■

SERVIÇO

Gerúndio & Cacófato

BandRio – terça-feira,
às 14h25.

Canal 14 da Net –

quarta-feira, às 10h10;

quinta-feira, às 12h40;

domingo, às 8h40. Segunda,
quarta e sextas, às 12h25.

O lazer a serviço do capital

A oferta de lazer nunca esteve tão pródiga. As opções para o homem consumir seu tempo livre são hoje praticamente infinitas, estendendo-se por inúmeras áreas da atividade econômica. Cinema, televisão, esporte, parques temáticos, informática, casas de festa, shopping centers, todo esse leque de opções faz parte do mercado multifacetado que caracteriza o mundo em que vivemos. A indústria do lazer e do entretenimento cresce vertiginosamente em tamanho e poder e já emprega mais do que setores tradicionais da economia. Diariamente, somos bombardeados por mensagens na mídia que nos incentivam a comprar esse ou aquele produto, a frequentar esse ou aquele lugar da moda, em suma, textos e subtextos que nos ditam como devem ser nossos momentos de entretenimento. De várias formas, o lazer e o exercício da ludicidade na sociedade estão atrelados à lógica de mercado.



A indústria do lazer é fruto da sociedade capitalista em que vivemos. Seu surgimento remonta à Revolução Industrial, iniciada na segunda metade do século XVIII, que trouxe uma carga diária de trabalho exagerada para o trabalhador. A exploração dos operários das fábricas resultou em uma jornada diária que podia chegar a até 20 horas. As atividades realizadas eram repetitivas e exigiam muita rapidez e precisão, sendo motivo de grande cansaço e estresse e contrastando com as atividades agrícolas ou artesanais que antes ocupavam a massa de trabalhadores.

A industrialização e a urbanização aumentaram a necessidade de lazer do homem, pressionado por um ritmo de trabalho e de vida acelerado e estressante. Um dos fatores que permitiram o surgimento da indústria de lazer foi o aumento do tempo livre dos trabalhadores, propiciado pela redução da jornada, fruto, por sua vez, da luta bem-sucedida dos sindicatos por condições melhores de trabalho para o proletariado.

O conceito de lazer aparece no final do século XVIII, com as tensões entre classes sociais que se estabeleceram. Antes não havia a organização do tempo livre como existe agora. Essa organização surge com a sociedade industrial, que artificializa o tempo do trabalho. Apesar de o tempo livre ser uma conquista trabalhista, ele também atendeu a interesses do capitalismo e de uma nova sociedade baseada na produção industrial, que precisava de novos quadros de consumidores para absorver seus produtos.

Consumidores em massa – O pesquisador Bruno Gawryszewski, em artigo disponível na internet¹, afirma que para que houvesse a produção em massa, era preciso garantir esses consumidores em massa. “Henry Ford encontrou a saída: os trabalhadores deveriam se constituir em consumidores, portanto, seus salários foram substancialmente aumentados, (...) todos os empresários também o tiveram de fazer. Com os salários em alta, esses novos consumidores necessitavam de tempo livre para fazer compras. Então, a jornada de trabalho foi reduzida para atender ao interesse capitalista. O aumento do número de consumidores proporcionou o nascimento da indústria do lazer (...)”, ressalta.

A Revolução Industrial introduziu várias mudanças na sociedade. O lazer inicialmente era considerado um tempo para não fazer nada, dedicado ao ócio. À medida que o tempo se torna escasso e passa a ser sinônimo de dinheiro, essa concepção muda radicalmente. No início do século XX, surge a sociedade de consumo, organização social baseada na produção e no consumo em massa. A própria lógica capitalista de produção supõe o consumo como sua etapa final. O produto não precisa mais atender a necessidades essenciais: precisa ser vendido, sendo necessário ou não. Vender se tornou a meta final da produção, e não satisfazer demandas, pois estas podem ser criadas. Como produz em grandes quantidades, a sociedade capitalista industrial cria a necessidade de que haja um escoamento para esses produtos. O indivíduo passa de comprador a consumidor voraz.



Lazer e consumo – Para a socióloga Valquíria Padilha, professora da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade do Estado de São Paulo (FEA-USP), campus de Ribeirão Preto, a sociedade de consumo só pode ser entendida num contexto de cultura do consumo. Consumir supérfluos passou a fazer parte da vida da burguesia nas cidades que se formavam no fim do século XVIII. Foi-se descobrindo que as pessoas comprariam também sem haver necessidade. Consumir passa a não ser mais apenas comprar e usar o que é neces- ▶

¹GAWRYSZEWSKI, Bruno. "A luta capitalista contra o ócio: a necessidade a um lazer consumista". *Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, v. 9, n. 66, nov. 2003. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd66/ocio.htm>.

TEXTO

FABIO ARANHA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

ILUSTRAÇÕES

DAVID MACEDO



sário para a manutenção da vida humana, mas adquire vários outros significados, como “ver” e “ser visto” nas ruas de comércio e nos shopping centers ou mostrar distinção entre as pessoas.

Cada vez mais em nossa sociedade, o lazer está atrelado a práticas de consumo. “O sistema capitalista não favorece a vivência de um tempo verdadeiramente livre. Um sistema cuja lógica favorece o produtivismo e o consumismo para poucos, em detrimento da real satisfação das necessidades humanas, não pode proporcionar um tempo livre cheio de sentido, que possibilite a emancipação humana”, acrescenta Valquíria.

De acordo com Victor Andrade de Melo, professor da Escola de Educação Física e do mestrado de História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), vivemos, como cunhou o sociólogo Guy Debord, numa sociedade que se caracteriza por ser espetacularizada. As relações contemporâneas são organizadas de forma espetacular, ancoradas pelo avanço e pela preponderância dos meios de comunicação. Estes têm papel central na formação e nas relações culturais da modernidade, servindo como instrumento que busca conquistar o controle social mais através do consenso do que pela força.

Democratização – Melo ressalta, no entanto, que essa relação não é linear. Os receptores não aceitam tudo de forma passiva. “Os meios de comunicação precisam lidar com os desejos do público e adequar sua emissão de acordo com a recepção. É claro que a mídia tem uma série de compromissos políticos que ela busca manter. Mas, se queremos mudanças, não devemos lutar contra os meios de comunicação e sim agir a partir deles. É preciso que haja uma democratização dos meios. Precisamos abrir espaço para rádios e canais de televisão comunitários, por exemplo, ou para lugares como a própria MULTIRIO, que nos apresentem outros discursos”, destaca.

A espetacularização funciona fundamentalmente para cumprir as premissas da razão capitalista. Um exemplo disso é o shopping center, onde os momentos que deveriam ser vividos longe do mundo do trabalho são inseridos na lógica de produção. Eles funcionam para que desenvolvamos hábitos de consumo na medida em que a vivência do lazer doméstico – que inclui o uso da televisão, do rádio, da internet, entre outros



– nos torna mais suscetíveis às estratégias de venda e de consumo que são propagadas pelos meios de comunicação.

A isso, pode-se somar um processo de esvaziamento do espaço público. “Cada vez menos, procuramos o espaço público como lugar de sociabilidade. Ou ficamos dentro de casa ou procuramos o que chamo de ‘enclaves fortificados’. As pessoas vão para o shopping center porque lá, supostamente, há lugar para estacionar o carro, segurança e ar condicionado. Lá elas estão mergulhadas dentro dessa lógica de consumo ali implementada. A indústria do lazer e do entretenimento está articulada de forma multifacetada com o consumo, porque você consome diretamente ou porque, nesse momento, você está sendo educado para consumir”, explica Victor Andrade de Melo.

Individualismo – Como afirma o sociólogo Zygmunt Bauman em seu livro *Modernidade Líquida*², a marca registrada da sociedade moderna é a apresentação de seus membros como indivíduos; ela existe em sua atividade incessante de individualização. A tendência que verificamos hoje de os jovens de classe média e alta gastarem seu tempo livre em shopping centers, em frente à televisão e ao computador, reflete exatamente o tipo de sociedade globalizada capitalista em que vivemos: individualizada e consumista.

“A globalização se caracteriza pela imitação do estilo de vida dos Estados Unidos no resto do mundo. Isso significa o individualismo, pois buscamos atividades que não favorecem a sociabilidade; o consumismo, já que sentimos cada vez mais necessidade de ter coisas novas;

²BAUMAN, Zygmunt. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

um mundo de velocidade e de imagens, como videogames, filmes, vídeos, internet; e de competição, pois é preciso sempre vencer, até mesmo no esporte, que deveria ser lúdico e saudável. O problema é que perdemos o contato direto com as pessoas. Nós 'coisificamos' nossas relações através do consumo de mercadorias e serviços", afirma Valquíria Padilha.

Dessa forma, nossas atividades de lazer são crescentemente preenchidas com mercadorias que se compram. É preciso comprar bens ou entretenimento para se divertir, descansar e se distrair. O resultado é que o ser humano se torna escravo do dinheiro e se aliena. Cria-se a ilusão de que consumir trará felicidade, bem-estar e realização. Assim, as pessoas gastam seu tempo livre, como afirma Valquíria, em verdadeiros "templos do consumo", defendidos e almejados pela sociedade.

Não por acaso, os shopping centers tornaram-se pólos agregadores de opções de lazer, diversão e alimentação. O lazer foi sendo incorporado a esses centros de forma tão significativa que hoje confundimos centro de compras com centro de lazer. Os consumidores foram levados, nesse processo, a procurar lugares de compras que ofereçam opções de divertimento.



Felicidade pelo consumo – “O shopping center se torna crescentemente o local por excelência da busca da realização pessoal através da felicidade pelo consumo; da identificação ou não com os grupos sociais; da segregação mascarada pelo imperativo da segurança; do fortalecimento dos consumidores em detrimento dos cidadãos; da homogeneização dos gestos, dos pensamentos e dos desejos; e, o mais

grave, da ocupação quase integral do tempo livre das pessoas que vivem em cidades de médio e grande porte”, frisa Valquíria.

Ela afirma que o lazer, numa sociedade capitalista, implica necessariamente uma relação de consumo, seja de bens materiais ou de bens simbólicos. Isso vale não só para os shopping centers como para os pacotes turísticos, os parques de diversões e muitos eventos artísticos e culturais que divulgam uma visão reducionista de cultura e até para aqueles que ficam em casa assistindo a televisão nos seus momentos de folga.

Publicidade – Para a propagação e preservação da lógica consumista, o capitalismo conta com uma ferramenta decisiva: a publicidade. Ela cria a ilusão de que a felicidade e o bem-estar podem ser alcançados com o consumo de mercadorias ou com entretenimento. O mundo publicitário associa ter produtos à conquista de valores como liberdade, felicidade, harmonia, paz, equilíbrio, beleza, saúde, descanso e lazer.

“A publicidade ajuda a criar reflexos condicionados nos consumidores. Ela é exatamente isso: a repetição de mensagens para criar compradores em potencial. Para atingir seu objetivo, vale tudo: da utilização de técnicas de persuasão à manipulação dos espíritos. É evidente que a união entre profissionais de marketing, publicitários e empresários visa influenciar os consumidores na hora da compra, com os recursos mais diversos para pressionar seu inconsciente”, ressalta a socióloga.

A psicóloga Maria de Fátima Vieira Severiano, professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), afirma que a mídia contemporânea, principalmente a publicidade, constitui-se num núcleo privilegiado de produção simbólica na medida em que veicula valores, atitudes e estilos de vida. Desse modo, estrutura-se como uma importante fonte de produção de subjetividade. Seu objetivo é a produção de desejo por consumo, através de mecanismos de idealização.

Identificação – “O objeto ou serviço de consumo cumpre funções psíquicas, na medida em que os atuais apelos midiáticos, em especial os publicitários, são fundados não nos atributos concretos dos produtos, mas preponderante-▶

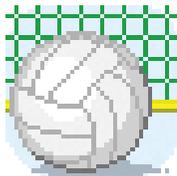
SAIBA MAIS

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2003.

PADILHA, Valquíria. *Tempo livre e capitalismo: um par imperfecto*. Campinas, Alínea, 2000.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. *Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade*. São Paulo, Annablume, 2001.





mente em atributos psicossociais desejáveis, associados ao produto ou serviço para produzir uma identificação idealizada no consumidor ou espectador”, explica a psicóloga.

Maria de Fátima ressalta que, dessa forma, o que está em jogo não é meramente a venda de uma mercadoria, mas a tentativa de preenchimento de um vazio, através da aquisição ou incorporação das imagens dos signos de consumo, que passa a significar felicidade, inclusão social, segurança, poder, personalidade, individualidade, diferenciação, juventude, entre outras características.

O efeito desse quadro é que os ideais culturais, pautados tradicionalmente em códigos coletivos, vêm sendo substituídos por ideais individualistas que pregam a realização individual através do consumo. “Preocupo-me, principalmente, com as novas formas possíveis de dominação e controle social produzidas pela mídia, que ao instituírem o objeto de consumo como fonte identitária prevalente, independentemente dos vínculos interpessoais, além de instalarem frustração e culpa em seus consumidores, enfraquecem princípios básicos de cidadania, trocando-os pelos alardeados direitos do consumidor. Os desejos humanos passam a se subordinar à lógica do mercado, produzindo subjetividades homogeneizadas e vínculos sociais fragilizados, uma vez que os ideais propostos pela publicidade são produzidos, justamente, para não serem alcançados, constituindo-se assim na mola mestra do atual sistema capitalista”, conclui a psicóloga.

Controle do tempo – Uma das premissas essenciais ao êxito do sistema capitalista é o controle do tempo do trabalhador, visando à manutenção da ordem. Uma das estratégias executadas para alcançar essa



finalidade foi desenvolver aos poucos uma indústria que pudesse obter lucros diretos e indiretos com esse tempo. Diretos na medida em que os donos da indústria do lazer continuam sendo os mesmos donos dos meios de produção. Indiretos na medida em que se tenta propagar valores, sentidos e significados que interessam a essa classe.

O auge desse processo se dá quando os meios de comunicação começam a se tornar mais refinados, com a criação do cinema, do rádio e, especialmente, da televisão, que se torna a principal forma de controle da sociedade capitalista. “O que a gente chama de lazer e a que, às vezes, não damos muito valor, eu considero o espaço mais estratégico de construção e manutenção do ideário da sociedade capitalista. Portanto, deve ser também um dos espaços mais estratégicos se quisermos construir um novo modelo de sociedade”, enfatiza Victor Andrade de Melo.

O controle se dá até mesmo quando o indivíduo está longe do trabalho, ou seja, em seu tempo livre. Há muitas décadas, as empresas procuram oferecer atividades de lazer para seus empregados, o que é prazeroso para o indivíduo, mas visa, na verdade, à diminuição de acidentes no trabalho; à melhoria na saúde do trabalhador e, conseqüentemente, à redução no número de faltas e de despesas médicas para a empresa; ao aumento da produtividade; e, fundamentalmente, à melhoria da imagem da corporação.

As empresas operavam sob essa lógica já no início do século passado. Um exemplo é a Companhia Progresso Industrial do Brasil, mais conhecida como Fábrica de Tecidos Bangu. Os empregados moravam numa vila próxima à fábrica e a empresa apoiou a criação de um clube esportivo que incentivava a prática de esportes como o futebol e o tênis na própria área da companhia. Hoje, temos uma ressignificação desse processo. Muitas empresas oferecem esportes, academias, clubes, promovem eventos e shows, para seus empregados. Mas os objetivos permanecem os mesmos.

Empresa e lazer – Para Valquíria Padilha, a relação entre empresa e lazer é bastante perversa. Ela afirma que a empresa tal como a conhecemos hoje é a organização do capital por



excelência, portanto, não há nada que ela faça ou procure fazer que não vise ao aumento da produtividade e do lucro. Existem empresas que desenvolvem projetos sociais, em nome de uma “responsabilidade social”, e que se dizem modernas ao criar espaços de descanso, de lazer, de ginástica nas suas dependências. Mas tudo isso faz parte de uma racionalidade baseada no cálculo monetário. Para realmente melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores seria necessário inverter a lógica da organização da produção, da apropriação, do assalariamento, entre outras coisas.

“Não adianta esfolar o trabalhador oito horas por dia e dar alguns minutos de alongamento antes da jornada ou criar um ‘espaço zen’ para ele ler um jornal no meio do expediente. Essas medidas não tocam na causa dos sofrimentos do trabalhador. Alguma empresa, por exemplo, empreende uma política de redução da jornada de trabalho sem redução de salário? Somente assim poderíamos começar a pensar em humanizar o trabalho. Com essa medida e políticas públicas sérias é que as pessoas poderiam escolher o que e como fazer com seu tempo livre, longe da empresa, com acesso gratuito a eventos de qualidade, podendo pagar ou tendo gratuitamente educação de qualidade, aulas de ginástica, formação em teatro, dança, música, arte, entre muitas outras coisas”, avalia a socióloga.

Produção capitalista – Desde a infância, o indivíduo está imerso na lógica da produção capitalista. Muitas vezes, as crianças cumprem uma agenda com horas rigorosamente marcadas para as suas atividades, determinadas pelos adultos, constituindo um esquema que se assemelha ao que encontrarão no mundo do trabalho. A escola e a família se organizam de modo a estabelecer horários fixos para cada uma das tarefas, com

pouca ou nenhuma flexibilidade. Assim as crianças crescem sem a vivência de espaços em que possam exercer a liberdade de escolha, seja para brincar, conversar ou até para simplesmente não fazer nada.

Essa lógica pode inclusive ser encontrada em outros âmbitos da vida da criança. As colônias de férias, por exemplo, em vez de apresentar uma alternativa ao padrão da vida escolar – oferecendo horários e atividades mais flexíveis, brincadeiras em contato direto com a natureza, entre outras coisas –, muitas vezes repetem a mesma lógica. Há um quadro de trabalho e horas determinadas para realizar jogos, brincadeiras, refeições e outras atividades, na maioria das vezes sob a orientação de um profissional.

“É muito perigoso investirmos na idéia de que sempre tem que haver um profissional dirigindo nossas ações. O mesmo vale para as casas de festas. Antigamente, as crianças iam para as festas e não precisavam de profissionais dirigindo as atividades como hoje. Nada contra eles. Os profissionais de lazer e de animação cultural, com a devida formação, são importantes. Mas não podemos ter profissionais em todos os tempos das nossas vidas. É preciso ter espaço para que as pessoas transitem livremente. Parece que o que mais falta nos dias de hoje é tempo para as crianças serem crianças”, destaca Andrade de Melo. Ele acrescenta que, como freqüentemente não há uma formação adequada desse profissional, ele tende a reproduzir uma prática conservadora e antiquada que reitera estes princípios.

Políticas públicas – Além do tempo livre do trabalhador, a organização da sociedade de consumo permeia a própria cidade, que se torna um monumento de estímulo ao consumo, em vez de ser um espaço a ser vivido. Ocorrem, então, problemas sérios, como a existência de praças que são belas e modernas, mas não possibilitam o encontro das pessoas. Ações promovidas com o objetivo de proporcionar lazer gratuito nem sempre conseguem cumprir de modo desejável o papel de levar cultura para todos. É comum serem privilegiados grandes eventos patrocinados por empresas comprometidas com a indústria do lazer e entretenimento.

“O poder público precisa dar uma contribuição efetiva nesse processo, começando pela própria escola. Uma iniciativa já adotada pela ▶



prefeitura do Rio e por algumas outras administrações municipais é a idéia de a escola abrir nos finais de semana, podendo ocupar um espaço central como equipamento de lazer para a população e implementando estratégias de formação cultural”, comenta Andrade de Melo.

Ele ressalta também que ainda há uma concentração de equipamentos culturais no eixo Centro-Zona Sul, onde mora a população de maior nível escolar e poder aquisitivo e, conseqüentemente, são eles que freqüentam mais diretamente esses espaços. Mas ainda existem áreas da cidade que carecem dessas iniciativas.

“Além de oferecer o equipamento, é preciso implementar um processo de formação cultural para que as pessoas sejam apresentadas a novas linguagens e possam desenvolver novos hábitos. Uma experiência de sucesso são as lonas culturais implementadas pela prefeitura do Rio de Janeiro”, completa Melo. A distância de casa aos centros de lazer, o preço proibitivo e a condição socioeconômica de grande parcela da população são fatores de exclusão às alternativas de lazer da cidade.

Além disso, tempo livre não significa necessariamente tempo de lazer. Para uma grande parte da população, sobretudo a feminina, é sinônimo, muitas vezes, de um tempo para realizar atividades que proporcionem renda extra, normalmente relacionadas à economia informal, ou cumprir tarefas domésticas. Essa parcela da população também tem acesso a uma quantidade menor de opções de lazer, especialmente ao levarmos em conta a predominância de alternativas ligadas à indústria do lazer. Este tipo de lazer é restrito às classes dominantes. “Enquanto não houver uma divisão justa das riquezas produzidas, não haverá oferta e acesso igual de lazer para todos”, ressalta Valquíria Padilha.

Educação – Para Victor Andrade de Melo, é necessário educar as sensibilidades e proporcionar acesso ao maior número possível de manifestações culturais. Ele cita o exemplo do cinema americano. Afirma não ser contra a entrada no Brasil dos filmes dos grandes estúdios de Hollywood, mas é preciso haver espaço para a cinematografia alternativa, de forma que não haja um monopólio do mercado e as pessoas possam descobrir outras formas de entreteni-

mento. Porém, na lógica da sociedade capitalista, se difundem produtos que restringem as opções e servem para a venda de outros produtos e a construção de determinados valores.

Para mudar esse quadro, é preciso empreender um processo de mediação e formação cultural que Melo define como animação cultural, que se situa no meio do caminho entre a educação artística e a educação social tradicional. As instâncias que devem assumir a responsabilidade nesse processo são várias, começando pela escola.

“A escola cumpriria uma função fundamental em processos de formação e animação cultural se ela não se prendesse tanto ao conteúdo, mas repensasse que papel deve ocupar na sociedade. A escola não pode educar apenas para o mundo do trabalho, mas também para o mundo do lazer. Além disso, ela presta um grande serviço quando é usada também como um equipamento de lazer nas comunidades onde não chegam cinema, teatro ou outras opções. Os alunos precisam desenvolver um arcabouço crítico para lidar com a cultura de massa e a lógica da sociedade do consumo e do espetáculo”, enfatiza Melo.

Além da escola, ele cita ainda os clubes esportivos e entidades como museus e centros culturais, que não podem se restringir apenas ao oferecimento de exposições, mas devem ter um compromisso explícito com uma formação cultural para construir uma idéia de democracia cultural.

Na sociedade capitalista contemporânea, somos todos atores e espectadores do grande palco do espetáculo e do consumo. Por isso, é importante buscar sempre novas possibilidades de vivência lúdica, de forma a ampliar as opções de lazer, para possibilitar um enriquecimento das experiências do ser humano, além de uma geração permanente de novas demandas culturais e de lazer. O desejável seria conseguir legitimar, nessa sociedade pautada pelo dinheiro e pelo consumo, o direito efetivo de todos de desrespeitar as agendas impostas e fazer valer os desejos pessoais. A fruição plena do tempo livre passa pela consciência do poder de escolha que tem o ser humano, de forma que não nos prendamos apenas ao lazer consumista característico dos nossos dias. Dessa forma, será possível construir uma sociedade constituída de indivíduos críticos, emancipados, criativos, enfim, plenos. ■

É possível resgatar o ócio na sociedade de consumo?

ELIANA GONÇALVES*

A chamada indústria cultural sobrevive baseada na idéia e na prática do consumo de produtos tidos como culturais, ainda que fabricados em série. Essa indústria seduz os indivíduos e indica o que deve ser entendido como útil e necessário na sua busca de padronizar e racionalizar todo e qualquer tipo de ação e de lazer.

O lazer, como o conhecemos hoje, é uma criação da civilização industrial. Antes, era privilégio dos nobres, que intensificavam suas atividades predominantemente ociosas. Para Platão a contemplação das idéias na Grécia Antiga era restrita aos homens livres. Todo trabalho manual era atribuição de escravos e o ócio era privilégio dos homens livres. Os grandes guerreiros considerados nobres eram pagos para viver no ócio. Aristóteles, que escreveu a primeira grande teoria filosófica da liberdade, em sua obra *Ética a Nicômaco*, afirmava que ser livre implicava poder escolher entre alternativas possíveis.

São Tomás de Aquino, na Idade Média, procurava reabilitar o trabalho manual, mas como o seu pensamento ainda estava influenciado pela visão grega também valorizava a atividade contemplativa.

Com a ascensão da burguesia na Idade Moderna, a concepção de trabalho produtivo passou a ser sinônimo de progresso e de salvação divina, ao passo que a ociosidade, a negação dessa salvação, mesmo entre as classes abastadas.

Sobre essa "nova moral", o professor Leandro Konder, da PUC-Rio, escreveu em 2006 o artigo "Elogio do ócio", em que chama atenção para o alerta do escritor e militante socialista Paul Lafargue (1842-1911), registrado num panfleto de 1880, em que se insurgia contra as convicções dos operários parisienses que trabalhavam em média 12, 13 e às vezes até 17 horas por dia nas oficinas, convencidos da dignidade e dos benefícios dessa situação assombrosa.

A sociedade no século XVIII se caracterizou pela instauração da ciência moderna e esta impregnou todos os setores da existência humana, propondo mudanças. Os novos modos de controlar o tempo e de organizar o espaço acabaram tornando o conhecimento utilitário e fun-

cional, agora reconhecido como ferramenta capaz de dominar e transformar, mas não de compreender profundamente o real.

A cultura contemporânea ainda continua profundamente marcada pela ciência instaurada na era moderna, onde o trabalho é ao mesmo tempo realização e negação do homem, pois ele não define seu ritmo, seu tempo nem seu lazer.

Nesse viés, a professora Maria José Justino, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), enfatiza que "permitir-se o ócio é recuperar o sentido humano, porque em um mundo como o nosso o trabalho é mais castigo do que redenção, [o trabalho] mais aliena do que liberta" (1996, p. 211).

Sartre, no século XX, retomou a teoria filosófica de Aristóteles sobre a liberdade, e a partir dela afirmou que ser livre é a escolha incondicional que o homem faz de si e de seu mundo (Chauí, 2003). Será possível concordar com essa afirmação no mundo atual, dominado pelo dinheiro e/ou por sua falta, onde o cotidiano de todos está marcado pela humanização da mercadoria em detrimento da desumanização do homem?

Se reconhecermos a contradição e a tensão entre o ideal e a realidade e, como saída, se tentarmos achar brechas para uma transformação concreta da sociedade na busca do sonho e da felicidade, talvez seja oportuno não só concordar com Sartre mas também saborear um "ócio fecundo e um lazer humanamente enriquecedor" que, segundo Konder, vem sendo sabotado.

*Mestre em educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e professora de filosofia.

Referências bibliográficas

JUSTINO, Maria José. "A admirável complexidade da arte". In: JUSTINO, M. J. *et. al. Para filosofar*. São Paulo, Scipione, 1996.
KONDER, Leandro. "Elogio do ócio". Disponível em: <http://www.culturabrasil.pro.br/Konder.htm>. Acesso em 21, junho, 2006.

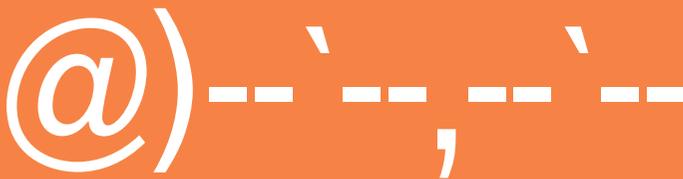


Alerta a pais e professores

'Sites' de relacionamentos na internet podem levar crianças e adolescentes a situações de perigo

Marcar um cinema com uma paquera pelo MSN Messenger, reencontrar amigos de infância no Orkut e depois contar tudo o que aconteceu no *blog*. Tudo isso pode ser feito em questão de minutos: basta acessar a internet e mergulhar nesse mundo veloz, instigante e cheio de surpresas e riscos. Hoje, qualquer criança pode trocar e obter informações em tempo real à frente do computador. Mas como fica a vigilância dos pais se os filhos podem visitar tantos lugares desconhecidos e encontrar tantas pessoas estranhas ao seu relacionamento sem sair do próprio quarto?

O namoro pela internet, por exemplo, é uma realidade entre jovens e adultos. Antes, quem tinha vergonha de se expor em boates, bares ou em até bate-papos informais com amigos, agora pode se esconder atrás do monitor e digitar o que quiser, passando-se até mesmo por um personagem fictício. Relações virtuais tendem a se tornar reais, se surgir um encontro fora do mundo da telinha dos computadores em que as afinidades descobertas realmente se confirmem. Mas também podem reservar dissabores quando um dos envolvidos está mentindo, às vezes, de má-fé.



Há casos conhecidos de mulheres e homens que se identificam como se fossem do sexo oposto para conquistar um parceiro do mesmo sexo, ainda que este não tenha tendência homossexual. E pior: há também homens maduros, interessados em seduzir adolescentes, que simulam ingenuidade e sentimentos românticos. Diante da falta de conhecimento do que significa esse vasto universo que é a rede mundial de computadores, o incentivo à pedofilia talvez seja um dos principais fantasmas a assombrar pais e professores.

TEXTO

CAROLINA BESSA

ILUSTRAÇÃO

ADRIANA SIMEONE

Mas há também encontros saudáveis e duradouros. Muitos casais saem do mundo virtual para se encontrar na vida real e até mantêm uma relação estável, mesmo que a distância geográfica atrapalhe um pouco. O analista de suporte em informática **Ciro Jardim** e a consultora de administração de empresas **Telma Dias** se conheceram pelo mIRC (*chat* bastante popular há alguns anos). Conversaram horas a fio pela rede até que decidiram se encontrar. Já estão juntos há cerca de cinco anos. Ele mora no Rio e ela, em Belo Horizonte. "Nos encontramos sempre que dá. Hoje até com mais frequência, porque ela está fazendo mestrado aqui no Rio", conta **Ciro**.

Hoje, quem ainda não encontrou a sua carmetade pode apelar para a ajuda de um cupido virtual: os *sites* que promovem encontros depois que os pretendentes preenchem fichas com suas características e preferências e com as qualidades que se buscam no parceiro. É o caso dos *sites* Par Perfeito (www.parperfeito.com.br), Amor Virtual (www.amorvirtual.net) e Encontro Ideal (www.encontroideal.com), entre outros.

Relação instantânea – Para a socióloga e professora do Departamento de Sociologia da PUC-Rio **Maria Isabel Mendes de Almeida**, os adolescentes buscam com mais frequência na rede tipos de relacionamento que costumam procurar no colégio, na universidade ou na 'night'. As relações são menos romaneadas, têm a marca do instantâneo. "O namoro é mais pragmático. As pessoas estão voltadas para seus interesses, não querem perder tempo", ressalta. Um exemplo é a possibilidade de conversar por *chats* com várias outras pessoas ao mesmo tempo e iniciar um jogo de conquista com todas elas.

Uma das novidades lembradas por Maria Isabel é a *crush list* do Orkut, o famoso *site* de relacionamentos da internet. Com esta ferramenta, é possível adicionar a uma lista privada todos os contatos sobre os quais recaia algum interesse erótico-afetivo. Uma pessoa, ao ser adicionada, não tem como saber se a outra está a fim. A não ser que o interesse seja mútuo. Se algum dos contatos adicionados à *crush list* de alguém também o adicionar à sua, o *site* cruzará os dados e enviará uma mensagem eletrônica às partes interessadas. Segundo a socióloga, um dos entrevistados para sua pesquisa definiu a rotina da seguinte forma: “É o fim do ‘toco’. A menina só fica sabendo que eu estou a fim se ela também estiver. Não tem ‘pagação de mico’. Ninguém leva um não na cara”.

Nos últimos 10 anos as relações pela *web* mudaram no Brasil. Segundo Maria Isabel, no início se fazia uma distinção maior entre o mundo real e o virtual. O blefe, a dissimulação eram mais frequentes. Nas salas de bate-papo havia uma tendência maior ao simulacro. Na verdade, se estabelecia uma conexão com alguém desconhecido e a identificação de cada um era feita por *nicknames* (apelidos).

Entretanto, para a socióloga, hoje há uma dissolução do mundo dentro e fora da tela dos monitores. “Os jovens saem do colégio e falam pelo Messenger com os mesmos colegas com quem estiveram reunidos há poucos minutos. O objetivo é facilitar a interação entre quem já faz parte da rede de amigos. Por isso a substituição dos *chats* e *IRCs* (ver *glossário*) pelo Messenger ou pelo *ICQ*, onde se cadastra apenas quem se conhece, assinando sua entrada on line e acenando com a possibilidade de uma conversa. “Esta mudança cria um esmaecimento do real e do virtual. Os resultados com grupos [de classe média] com que tenho trabalhado mostram que muito poucos usam a internet em busca do desconhecido. Atualmente ela serve para reiterar o que já existe. Não há carta na manga. Eles estão expondo sua ficha corrida”, ressalta Maria Isabel.

Modismo do momento – Isso fica evidente, novamente, com o Orkut, uma das maiores febres dos últimos anos no mundo virtual. Para se ter uma idéia do crescimento dessa página de relacionamentos, em agosto de 2005, os internautas brasileiros respondiam por 75,56% de sua população cadastrada, contra 5,79% de norte-americanos (o *site* foi criado nos Estados Unidos). No Orkut, há uma janela com o perfil do usuário destinada a tornar públicos seus dados pessoais e onde é possível conhecer suas características físicas e de personalidade. Além disso, há um espaço para cadastrar amigos e conhecidos. Visitando rapidamente a página de um membro da comunidade, é possível saber se essa pessoa está comprometida, ver suas fotos, saber quem faz parte do seu ciclo de amizades, se está flertando com um pretendente pelos famosos *scraps* (recados) e até conhecer seus gostos pessoais através das comunidades da sua escolha encontradas na sua página.

No Orkut, há uma superexposição do indivíduo, que pode ser ainda reiterada com *blogs* e *fatologs* (ver *glossário*). Neles, os jovens contam como é seu dia-a-dia, os lugares que frequentam, o que é confirmado por fotos em que aparecem em festas, no pátio do colégio ou até mesmo na intimidade do quarto. Segundo a socióloga, é uma espécie de coluna social na qual é franqueada a todos a possibilidade de tornar-se protagonista. Mas o que pode ser um modo saudável de se dizer inserido na sociedade e antenado às novidades da rede também pode virar dor de cabeça. Embora pessoas de bem se tornem vítimas de outras mal-intencionadas, é comum transgressores e criminosos serem denunciados por sua própria exposição na rede. Aliás, foi através do Orkut que a polícia descobriu jovens de classe média envolvidos em tráfico de *ecstasy* e de outras drogas sintéticas ou, ainda, meninas que haviam fugido de casa em busca de aventura ao se envolverem com criminosos. Segundo o psicólogo Júlio D’Amato, do Departamento de Recursos Humanos da Reitoria da Universidade ▶



SAIBA MAIS

Maria Isabel Mendes de Almeida é autora do livro *Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*, junto com Kátia Almeida, publicado pela Editora Rocco. O livro trata do comportamento dos jovens quando saem à noite para se divertir. A autora trabalhou muito recentemente com temas como *ecstasy* e música eletrônica.

No site Século XXI da MULTIRIO (<http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/>), é possível encontrar a chave Internet, juventude e escola, em que se discutem as grandes transformações geradas pela rede mundial de computadores.



Federal Fluminense (UFF), os pais devem estar informados sobre o dia-a-dia dos filhos na internet, como costumam fazer quando os levam a uma festa: saber que local freqüentam, com quem mantêm contatos e o que acontece no período em que lá estão. O diálogo é fundamental.



“É preciso que os pais conversem com os filhos sobre os perigos de mentir, sobre os riscos envolvidos em encontros com desconhecidos e sobre o conteúdo das conversas. Em um primeiro momento o adolescente pode se sentir cerceado, mas depois passa a se sentir protegido”, acredita o psicólogo.



A disposição de pais e professores em passar valores éticos aos adolescentes pode impedir situações embaraçosas e que podem configurar delito, como expor intimidades deles e de seus amigos na rede. O que a princípio soa como brincadeira inconseqüente de jovens pode causar danos irreparáveis à reputação das pessoas atingidas. Recentemente a imprensa divulgou o caso de uma adolescente, menor de idade, filmada por uma *webcam* escondida e sem o seu consentimento enquanto mantinha relações sexuais com namorado, também menor de idade. A situação fora armada por ele e por um colega e a gravação, divulgada pela internet. A garota passou a ter crises de depressão pela exposição e ficou com medo de sair de casa e ser reconhecida. Ela precisou da ajuda da mãe para superar o fato.



São freqüentes casos de rapazes que depois de terminarem relacionamentos jogam na rede fotos de ex-namoradas em poses eróticas ou de nudez, expondo uma situação de intimidade de uma época em que se estabelecia uma relação de confiança entre ambos. Segundo psicólogos, traumas como esses podem perdurar pelo resto da vida. Difícilmente alguém que passou por essas situações confiará plenamente em alguém de novo. “Infelizmente, a gente vive em uma sociedade ‘machistocêntrica’. Alguns jovens fazem coisas assim para mostrar sua potência, sua virilidade. Isso porque o adolescente quer quebrar paradigmas, sente necessidade de escandalizar”, explica D’Amato.

Antes que se configurem situações de risco, o psicólogo reitera a necessidade de uma conversa franca e de tutela de pais e professores em relação aos adolescentes. Segundo ele, os pais devem incentivar os filhos a revelar o que publicam no Orkut, que fotos escolhem para o *fotolog* e argumentar que é preciso ter cuidado, que devem estar unidos contra qualquer risco, estabelecendo limites para a exposição de pessoas, para as informações que podem e que não podem ser compartilhadas na rede de relacionamentos. “Os pais que não estão conectados devem aprender como funciona a internet para poder argumentar com os filhos” diz o professor. ■

Por dentro da ‘web’

Chat: conversa em tempo real pelo computador. Em português significa conversação.

Blog: trata-se de um diário virtual. Também chamado *weblog*, é uma página da *web* em que são feitas atualizações, chamadas *posts*, em ordem cronológica. Os *posts* podem ser sobre qualquer assunto e escritos por mais de uma pessoa.

Fotoblog, fotolog ou flog: é uma página virtual para a publicação de fotos em ordem cronológica ou apenas inseridas pelo autor, sem ordem. É parecido com um *blog*, mas a predominância é de fotos em vez de texto.

ICQ: do inglês “I seek you”. É o serviço de internet que permite ao usuário saber se outra pessoa está conectada e a partir de então se trocam informações por *chat*, arquivos, videoconferência e voz. A procura normalmente é feita por um número individual chamado de Internet Universal Number.

IRC: significa Internet Relay Chat. É um programa que permite uma conversação instantânea em grupos ou separadamente e troca de arquivos. Existem várias salas ou canais para abrigar os usuários. É permitido, inclusive, entrar

em vários canais ao mesmo tempo. No sistema operacional Windows, o mais famoso é o mIRC.

MSN Messenger: é um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation. O aplicativo permite que um usuário na internet converse em tempo real com outro que tenha o mesmo programa, possibilitando a formação de uma lista de amigos e o monitoramento de seu acesso ou saída da rede.

Orkut: é uma rede social filiada ao *site* de buscas Google, criada em 22 de janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e a manter relacionamentos. Seu nome é originado do nome do projetista-chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google. Sistemas como esse são chamados também de rede social.

Webcam: é uma câmera de vídeo de baixo custo que capta imagens, transferindo-as de modo quase instantâneo para o computador ou para a internet. Muito utilizada em videoconferências. Geralmente tem baixa qualidade de imagem e não capta som.

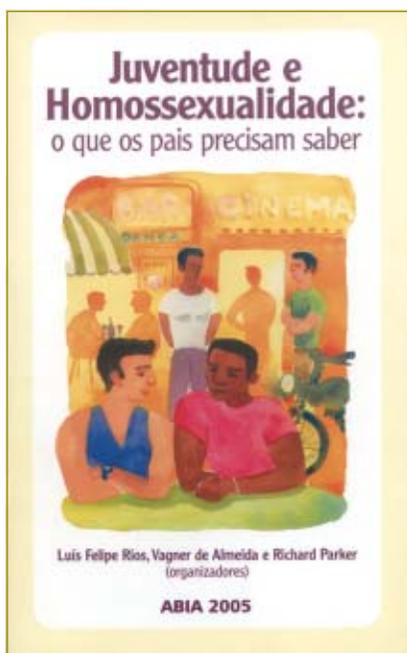
Prevenção é a grande arma

Temas como Aids, sexualidade e alcoolismo entre jovens devem estar na ordem do dia nas escolas

Quando a Aids foi anunciada ao mundo em 1981 como uma misteriosa doença que atacava o sistema imunológico e levava suas vítimas rapidamente à morte, havia muitas dúvidas, inclusive, sobre as formas de contágio e de como evitar o mal. Passados 25 anos, apesar dos avanços na ciência, os números continuam assustadores. Por ano, 5 milhões de pessoas contraem o vírus HIV no mundo e 3 milhões morrem por tê-lo contraído. No Brasil, já perderam a vida mais de 170 mil pessoas e há cerca de 620 mil infectadas, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) – isso significa um terço dos soropositivos da América Latina.

Sem cura ou vacina, a única arma ainda é a prevenção e há diversas campanhas voltadas a diferentes públicos. Para os adolescentes, a Secretaria Municipal de Educação (SME), em parceria com a de Saúde (SMS), implementou o Programa de Orientação Sexual e Prevenção do Uso Indevido de Drogas (POS). São ações de formação de educadores e Núcleos de Adolescentes Multiplicadores. Esses alunos ativam a participação dos jovens em discussões sobre o assunto, protagonizando ações que refletem seus direitos e deveres. Colocar jovens falando para jovens é o caminho mais curto para atingi-los. “Para uma campanha bem-sucedida, o primeiro passo é descobrir as deficiências e necessidades do público a que se vai dirigir”, acredita o pesquisador Thiago Fidalgo, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) (*ver box*). Se diagnosticar a doença deixou de ser sentença de morte, o tratamento ainda é difícil, com vários efeitos colaterais.

Fundamental para o sucesso da campanha é a sua continuidade, para que os mais novos não tenham a falsa noção de que a Aids é uma síndrome crônica, entre outros equívocos. “O adolescente é mais vulnerável, seja por falta de acesso aos serviços, por vergonha de se informar ou por medo de ser identificado como soropositivo”, conta a médica Marly Marques da Cruz, da SMS. Mas Marly acredita que o nível de conscientização aumentou. O que acontece muitas vezes é que eles não usam o preservativo de forma regular e temem críticas

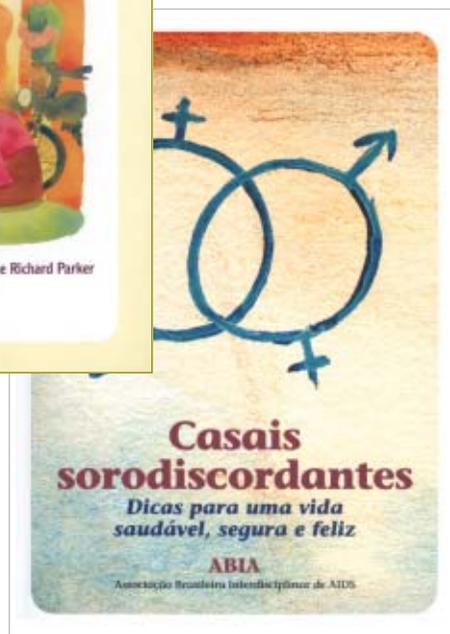


A Abia distribui gratuitamente publicações voltadas à prevenção da Aids que podem ser aproveitadas pelo professor ou por grupos de jovens multiplicadores. Informações: Rua da Candelária, 79/10º andar – Centro. Tel.: 2223-1040. www.abiaids.org.br

– por exemplo, há garotas que não carregam preservativo na bolsa para não serem vistas como promíscuas.

A opinião de que os jovens estão mais atentos é corroborada por Cristina Pimenta, coordenadora-geral da Abia (Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids). “Em torno de 50% dos jovens usam preservativo na primeira relação, uma porcentagem bem maior do que há alguns anos, porque existia o mito de que não havia perigo de engravidar ou contrair doenças na primeira vez”, comenta. Mitos e romantismo podem levar a um erro fatal. “É preciso explicar que não dá para deixar o cuidado de lado, mesmo que o jovem seja fiel ao seu parceiro: é preciso que os dois façam o teste [de reação ao HIV] antes de abolirem o preservativo.”

Programas em níveis federal, estadual, municipal e de organismos não-governamentais utilizam diversas formas de linguagem para passar a ▶



TEXTO

BETE NOGUEIRA

ILUSTRAÇÕES

DIVULGAÇÃO/ABIA

sua mensagem. A Abia, por exemplo, tem uma espécie de circo de rua, a Companhia da Saúde, que leva de maneira divertida informações sobre doenças sexualmente transmissíveis e Aids, sexualidade e gravidez na adolescência.

A ludicidade também é explorada nas escolas. "Lidamos com público-alvo que tem um pensamento mágico, mesmo em contextos culturais diferentes. O jovem se sente onipotente", comenta Márcia Vinchon, articuladora dos projetos de extensão Meio Ambiente e Saúde da SME,



Companhia da Saúde: informação e ludicidade nas ruas

que utiliza o teatro, a música e outras formas interessantes de atingir esse universo tão especial do adolescente. Às vezes inibidos ao tocar no assunto com os pais, os meninos se sentem bem mais à vontade buscando informações na escola, onde convivem com pessoas da mesma faixa etária e profissionais bem informados.

Márcia esclarece que, além da informação, é importante levar o jovem a uma reflexão sobre sua prática de vida, auto-estima, saúde e coletividade. Mudança de atitudes e de idéias. "Tem que ser muito debatida a questão do preconceito em relação à sexualidade como um todo e principalmente com pessoas soropositivas ou com os que convivem com elas. É preciso desmistificar pelo viés dos direitos humanos. A escola é uma grande reunião de culturas e perspectivas". Ou seja, a parte que cabe à escola é muito maior – e mais nobre – do que simplesmente transmitir informações. "O nosso papel é reavivar sempre o processo de promoção de saúde na escola. Impactando, criando alternativas e melhorando o ambiente escolar", completa Márcia. ■

Álcool pode ser agravante

Pesquisa realizada entre 2001 e 2002 com adolescentes de São Paulo indica um dado curioso e preocupante: jovens usuários de álcool – mesmo que somente em fins de semana, os denominados usuários leves – correm um risco maior do que o da contaminação por doenças.

Os pesquisadores Dartiu Xavier da Silveira e Thiago Marques Fidalgo e a psicóloga Evelyn Doering da Silveira, membros do Proad (Programa de Orientação e Atendimento ao Dependente, da Universidade Federal de São Paulo – Unifesp), entrevistaram 84 adolescentes entre 15 e 18 anos de idade, analisando dados sobre comportamento sexual, depressão, ansiedade e uso de drogas – este último, o foco principal do trabalho. O álcool está sempre entre as drogas mais consumidas entre os jovens. "Na teoria, a droga – lícita ou ilícita – é usada pelo jovem que tem uma realidade da qual ele não dá conta. E o sexo também pode ser usado desta forma", explica Fidalgo. A relação direta

também existe: o álcool favorece o contato, causando desinibição, e os reflexos mais lentos podem levar à falta de cuidados.

Para o pesquisador, grande parte desses jovens ainda não "internalizou" os perigos a que estão expostos. "Vê-se muito desespero nas famílias quando descobrem um cigarro de maconha na mochila do filho, por exemplo, mas pouca preocupação quando o filho bebe. Dependendo da forma como é usada, a bebida é tão nociva quanto qualquer outra substância química", alerta.

Outro recorte da pesquisa aponta que as mulheres com sintomas depressivos podem ser mais descuidadas. Mesmo ainda sem comprovação, esse dado deve chamar a atenção de quem lida com adolescentes.

A pesquisa do Proad foi premiada pelo Ministério da Saúde, em 2005, como um dos trabalhos mais relevantes sobre comportamento sexual e Aids.

Mais informações:
www.proad.unifesp.br

COSTUMES E TRADIÇÕES

Retrato da gente brasileira

Cultura, arte, gastronomia e folclore, sem esquecer, é claro, do futebol. Em ano de Copa do Mundo, a Escola Municipal Narbal Fontes, em Ricardo Albuquerque, Zona Norte da cidade, vem abordando todos esses temas no projeto Brasil, Nosso Povo, Nossa História! O trabalho, dividido em três etapas, será desenvolvido durante todo o ano letivo e abrangerá costumes e tradições brasileiros e também de outros países. Nesse aspecto, o destaque será para o Japão, já que a escola mantém parceria com o consulado japonês no Rio. Estão envolvidos na atividade os alunos da educação infantil, do ensino fundamental e do Programa de Educação de Jovens e Adultos (Peja).

Nos primeiros meses do ano, dentro do subprojeto Gente Que Faz e Acontece, os estudantes discutiram o tema identidade. A coordenadora pedagógica Eliana Hacksbart explica que o principal objetivo foi conscientizar os alunos sobre a sua importância na sociedade e contar a história de personalidades que contribuíram para o desenvolvimento do país. Na sala de leitura da escola, houve toda uma preparação para apresentar a obra do escultor Aleijadinho, da pintora Tarsila do Amaral e do artista plástico argentino Carybé. Os estudantes trabalharam com pintura, modelagem e dramatização. Entre os trabalhos mais festejados estavam as reproduções de obras de Aleijadinho construídos com argila pelas crianças da educação infantil.

Mas isto foi apenas o aquecimento para o subprojeto que viria em seguida: Orgulho de Ser Brasileiro. Em tempos de Copa do Mundo, professores, diretores, coordenadores, estudantes e até responsáveis estiveram envolvidos na preparação do evento, com bandeirinhas e murais espalhados pela escola. E ali a contribuição da comunidade foi decisiva. "As mães ajudaram muito na preparação", alega-se Eliana.

Os professores envolveram os alunos em atividades que incluíram a confecção de painéis de bolas pintadas com as cores da bandeira de cada país, mosaicos de *kirigami* (arte japonesa em papel), mural com o nome dos jogadores da Seleção Brasileira e bandeirinhas da Alemanha, país que sediou o campeonato, com direito a mapas dos países participantes do torneio e pesquisa sobre a cultura de cada um deles.



A Copa do Mundo foi o ponto de partida para o trabalho de valorização dos costumes e tradições brasileiros na Escola Narbal Fontes

A atividade foi encerrada com a Festa Orgulho de Ser Brasileiro/Homenagem ao Japão, no dia 30 de junho, pouco antes do final da Copa. O objetivo foi mostrar um pouco das duas culturas. Teve coreografia para canções populares, além de bailados de maculelê, encenação de peças teatrais e torneios esportivos. O ponto alto foi a visita do cônsul do Japão Kiyosh Ishii. Para conhecer um pouco da história daquele país, a escola também promoveu visitas dos alunos ao consulado, onde eles puderam assistir a um vídeo sobre a milenar cultura japonesa e a uma peça teatral.

No terceiro subprojeto, intitulado Brasil, Mostra a Tua Cara!, o folclore e suas múltiplas linguagens terão destaque. As atividades durarão até novembro. As várias expressões da oralidade como cantigas, parlendas, trava-línguas e lendas serão apresentadas aos alunos. Essa etapa também vai contar com um espaço para abordar o tema eleições. Os alunos participarão de uma eleição simulada.

A escola fechará o ano com uma feira, que tratará de ciências e folclore. Os alunos do 1ª e 2ª séries do ciclo terão atividades ligadas a lendas brasileiras e danças, culminando com a participação da 3ª e 4ª séries e do Peja, que trabalharão aspectos geográficos e gastronômicos do país. Alunos do último ano do ciclo e da progressão analisarão temas como meio ambiente, alimentação e doenças. ■

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTO

ALBETO JACOB FILHO

SAIBA MAIS

A matéria de capa de NÓS DA ESCOLA n. 38 foi sobre o futebol e identidade nacional. Na edição n. 39 foi a vez de tratar da ludicidade e linguagem, abordando expressões como lendas, cordel e contação de histórias. Para informações sobre expressões mais usadas nas eleições recomendamos a leitura da edição n. 39.

Aventura pelos recantos do Rio

Severino da Silva, de 12 anos, nunca tinha visto o mar. Denilson Alves, de 8, conhecia o Pão de Açúcar só pela televisão. Daiane Vieira de Medeiros, de 9, não imaginava que a cidade tivesse tantos prédios altos e envidraçados. Os três são moradores do Rio de Janeiro, mas vivem muito distante das belezas que justificam a alcunha de “cidade maravilhosa”. Eles e mais 39 alunos da Escola Municipal Clotilde Guimarães, em Ramos, Zona Norte da cidade, tiveram um dia diferente em abril. Em um ônibus “de dois andares” onde fazia “um friozinho gostoso”, como descreve Denilson, foram passear pela cidade. Muitos saíram pela primeira vez dos arredores da Maré. O passeio faz parte do projeto Qualidade de Vida no Rio de Janeiro, que a escola desenvolve desde o início de 2006.

O objetivo é despertar a consciência crítica dos alunos, mostrando as possibilidades de mudanças na família, na escola e na comunidade. “Montamos os projetos a partir das sugestões dos professores, com as necessidades de cada turma”, explica a coordenadora pedagógica, Evanina Malheiros. O passeio surgiu como uma

feliz coincidência. A 4ª CRE disponibilizou um ônibus para algum projeto com a turma de progressão. Mostrar aos alunos uma cidade que eles não conheciam foi mais uma forma de incentivar o debate. “Falar de qualidade de vida é falar de hábitos e atitudes. É importante eles compararem sua realidade com a do restante da cidade”, justifica Regina Coeli Cavalcante, professora da 3ª série. “Com o passeio, pudemos abrir discussões e ampliar a visão de mundo deles”, corrobora Sandra Vieira da Costa, professora do ano final do ciclo.

Um mundo pela janela – A experiência não ficou restrita à turma de progressão, porque as vagas restantes foram preenchidas por alunos de outras três turmas, mediante um sorteio. “Para eles foi uma surpresa e para os responsáveis também”, conta Aline Pinto dos Santos, professora da progressão. O roteiro incluiu o Aterro do Flamengo, a Praia Vermelha, o Pão de Açúcar, a Praia do Pepino, em São Conrado, e o Parque Chico Mendes, na Barra da Tijuca. As reações foram de total euforia. As gigogas nas lagoas da Barra da Tijuca chamaram atenção. “Eles viam todo dia na televisão, mas era algo distante. Lá puderam entender, receberam orientações de um biólogo, discutiram por que fenômenos como este acontecem”, explica Regina.

A todo momento, as diferenças entre a cidade que eles já conhecem e os novos cenários vinham à tona. A estrutura verticalizada da Rocinha contra a geografia plana da Maré. As pichações desconhecidas contra marcas que eles já sabem dizer por quem foram feitas. O grande número de pessoas na praia em pleno dia de semana, os trajes dos turistas diante do Pão de Açúcar... tudo era motivo para perguntas.

As imagens do passeio ficaram na lembrança, mas o trabalho continua. Até a Copa do Mundo entrou no debate, com assuntos como globalização, desigualdades sociais e valores morais. Depois da Copa, novos temas esperam pelos alunos: ética e cidadania e, por fim, sexualidade. “A qualidade de vida pode ser construída para todo mundo. Isso passa pela educação, pela conscientização de cada um deles”, conclui Sandra. ■



A Praia do Pepino, em São Conrado, e o Parque Chico Mendes, na Barra da Tijuca, foram duas “paradas” do passeio

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

DIVULGAÇÃO

FECEM

Música para alimentar a alma



Em 2005, Jeferson Leandro Soares, aluno do Peja (Programa de Educação de Jovens e Adultos) na Escola Municipal Henrique de Magalhães, estava passando por um momento difícil. O ânimo que faltava para enfrentar os problemas ele encontrou dentro da própria escola. Inscrito no Festival da Canção Escolar do Município do Rio de Janeiro (Fecem), viu a canção que compôs ao lado do amigo Bruno Le Mark escolhida como a melhor do festival, se apresentou no palco do Claro Hall para uma plateia numerosa e viveu momentos com os quais sequer sonhara. “Serviu como uma lição de vida, para acreditar mais em mim. Estava passando por muitos problemas e consegui seguir em frente. Foi um crédito que me deram e eu soube aproveitar”, avalia Jeferson, que tinha escrito *Pétalas de flores* como um poema há muito anos e o musicou com a ajuda de Bruno.

A trajetória do Fecem, que em 2006 realiza a sua 18ª edição, é cheia de histórias como

as de Jeferson. Como qualquer festival artístico, ele divulga a produção dos alunos e os incentiva à criação musical. Mas também promove a integração da comunidade escolar, aumenta a auto-estima e a sensação de pertencimento dos alunos e proporciona vivências às quais eles dificilmente teriam acesso. “A escola ganha o aluno quando a sala de aula fica do tamanho do mundo. O Fecem proporciona a criação de redes de solidariedade, estimula a organização política dos alunos, que passam a se relacionar mais com professores e diretores e a ter mais desenvoltura. A vivência sociocultural é tão importante quanto os aspectos técnicos e artísticos da criação musical”, julga José Henrique de Freitas Azevedo, articulador de Projetos Culturais da Diretoria de Ensino Fundamental do Departamento Geral de Educação da SME (E/DGED/DEF), responsável pela organização do festival.

O que José Henrique explica em teoria se traduz na prática pela atuação de professores ►



O professor Roberto Stepheson, da Escola Barão de Santa Margarida, harmoniza as vozes do coral...

e diretores que, conscientes da importância do Fecem, estimulam a participação dos alunos e utilizam o projeto como estímulo para o trabalho musical durante o ano inteiro. Na Henrique de Magalhães é assim. “Para nós é um verdadeiro trabalho de inclusão social, que vem resgatando algumas vidas”, opina Paulo Parente, professor de música da escola. A diretora, Sara Pereira de Oliveira, ressalta que a escola se envolve com o projeto desde as primeiras edições. “Cada escola investe nos projetos com os quais se identifica mais. Música e poesia são da natureza da Henrique de Magalhães. E os professores reconhecem a importância de os alunos mostrarem sua criatividade”, destaca.

Outro bom exemplo vem da Barão de Santa Margarida, que também tem uma história de vitórias no Fecem. O trabalho de música, coordenado pelos professores Roberto Stepheson, Marcos Melo e Cláudia Valéria, mobiliza os alunos durante o ano inteiro. A empolgação é tão grande que eles freqüentam a escola aos sábados para os ensaios. “É muito melhor estar aqui que na rua, sem ter o que fazer”, opina Aparecida da Conceição Oliveira, de 15 anos. Seja nas aulas de música ou nas oficinas que a escola promove, os alunos aprendem ou aprimoram seus conhecimentos em dança, canto, percussão e instrumentos musicais, além de investirem em ritmos apontados por eles próprios. “O importante é abrimos um espaço para que eles mostrem o que sabem. Muitas vezes, o que apresentam nem foi aprendido com a gente. Muitos já vêm com uma bagagem musical grande e temos de estar atentos a isso”, reflete Roberto.

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

Participação coletiva – A organização do Fecem é estruturada com o objetivo de estimular o envolvimento das escolas. O festival acontece em três etapas. A primeira delas, organizada pelas próprias unidades escolares, visa à seleção dos participantes, já que cada escola só pode fazer duas inscrições na segunda etapa, organizada pelas CREs. Há escolas, no entanto, que optam por investir no trabalho de grupo. É o caso da Barão de Santa Margarida, que já venceu o festival com apresentações de *funk* e maracatu e, este ano, deve mostrar um jongo. Cada ritmo abordado conta com um trabalho interdisciplinar na escola, envolvendo professores de história, português e até matemática. “Todos os que querem, participam. O único critério é a presença nos ensaios. Mas a participação tem aumentado tanto que daqui a pouco vamos ter que adotar a pré-seleção”, comemora Roberto, lembrando que o regulamento do Fecem limita a 15 o número de alunos no palco por apresentação.

Na etapa organizada pelas CREs, concorrem entre si as escolas inscritas por região. Cada CRE deve selecionar um único concorrente para a etapa final, organizada pelo E/DGED/DEF – Projetos Culturais. Os 10 vencedores regionais participam de uma gravação em estúdio, para a produção de um CD distribuído a todos os músicos, compositores e intérpretes. Na apresentação final, são premiados a melhor canção, a melhor letra, o(s) melhor(es) intérprete(s), o(s) melhor(es) instrumentista(s), revelação e comunicação com o público. Todos os que chegaram até a etapa final, no entanto, são lembrados em algum quesito. “A idéia é quebrar a rigidez da disputa. Cada um se destaca em um aspecto”, explica José Henrique.

Fecem em 2006

- **Até 15 de agosto** – Realização da primeira etapa do Fecem (nas unidades escolares) e envio ao E/DGED/DEF – Projetos Culturais da listagem dos participantes para a etapa regional.
- **Até 30 de setembro** – Realização dos festivais regionais (organizados pelas CREs).
- **Até 9 de outubro** – Envio, pelas CREs, das fichas de inscrição dos vencedores regionais.
- **Dia 20 de outubro** – Mostra final do Fecem, com apresentação dos 10 vencedores regionais

Caminhando e cantando – A cada ano, um grande palco da cidade é escolhido como cenário para a etapa final do Fecem. Em 2006, é a vez do Teatro Odylo Costa, filho, na Uerj, que receberá os vencedores das CREs no dia 20 de outubro, às 13h. Para a maior parte dos alunos, este é o grande momento do festival. O que não falta é animação. “É uma sensação maravilhosa. Já participo há três anos, mas sempre é como se fosse a primeira vez. O mais legal é a expectativa. E saber que você está entre os melhores”, anima-se Jéssica Dornelas de Oliveira, de 14 anos, já acostumada a participar das finais com o grupo da Barão de Santa Margarida. “Comecei na oficina de música este ano, mas acho que vai ser ótimo. Deve ser muito bom se apresentar, as pessoas olharem...”, imagina Monique Podenciana de Souza, de 15 anos, integrante do mesmo grupo.

Embora a expectativa com a apresentação final seja inegável, a grande preocupação do E/DGED/DEF – Projetos Culturais é com o trabalho desenvolvido nas escolas, seja estimulando a participação individual e realizando festivais internos, seja investindo em trabalhos coletivos. No início de cada ano, o projeto é divulgado para todos os diretores de escolas, com apresentação do regulamento e do cronograma. Em 2005, o Fecem contabilizou, nas duas últimas etapas, a participação de 917 alunos e 103 escolas, com 149 composições. Mas José Henrique acha que ainda é pouco. “Acho a participação das escolas ainda tímida. São poucas com verdadeira disponibilidade para investir no projeto ao longo do ano”, reflete.

Os bons resultados obtidos pelas escolas Barão de Santa Margarida e Henrique de Magalhães nas edições anteriores são reflexo desta disponibilidade, cada qual ao seu estilo. Na Barão, a aposta no trabalho de grupo fortalece a integração entre os alunos. “É um exercício social intenso. É desenvolvida uma sensibilidade para perceber o tempo do outro, para se afinar com o outro, assim como os instrumentos musicais”, compara Cláudia Valéria. A fórmula da Henrique de Magalhães é outra, mas os resultados são igualmente compensadores. “Levamos muito a sério o festival interno na escola. Acho que é por isso que surgem tantos bons nomes”, explica Paulo Parente.

Além de divulgar o Fecem na escola e marcar ensaios com todos os participantes, Paulo prepara a estrutura de um verdadeiro festival para a seleção dos representantes da escola para a etapa coordenada pelas CREs. Pais e professores se transformam em jurados, os primeiros lugares são premiados com medalhas e troféus e as apresentações são realizadas no auditório da escola, com capacidade para 300 pessoas. “A idéia é mostrar um festival para quem não está acostumado com este tipo de evento. Assim todo mundo tem a oportunidade de vivenciar um festival de verdade. Chamamos até um músico para se apresentar enquanto os votos são contados”, explica Paulo.

Bruno Le Mark, agora sem o parceiro Jeferson, que já saiu da Henrique de Magalhães, espera participar novamente do Fecem este ano. Ele aprendeu a tocar violão sozinho, mas foi na escola que encontrou espaço para mostrar o que sabe fazer. “Sempre quis tocar, pegar experiência. É o sonho de todo músico”, comenta ele. Graças ao empenho de professores e diretores, muitos outros alunos podem aprimorar talentos e aptidões, formar parcerias, descobrir o gosto pela integração dentro da escola e, sobretudo, redescobrir a si próprios. No final, podem até se apresentar diante de uma plateia cheia e receber aplausos calorosos. Ou não. Na verdade, o que mais importa já terá vindo antes, como resume Diogo Lomboni da Silva, de 17 anos, aluno da Barão de Santa Margarida. “Cantar é muito bom. Se ganharmos, vai ser legal. Se não, tudo ótimo também”. ■



... e o grupo organiza o conjunto para o Fecem, misturando canto, dança e instrumentos de percussão

O alto vôo do Pai da Aviação

Criatividade e espírito empreendedor fizeram de Alberto Santos-Dumont o grande inventor brasileiro

Era setembro de 1898 quando se espalhou rapidamente por Paris a notícia de que Alberto Santos-Dumont, um jovem brasileiro, planejava voar sobre a capital francesa a bordo de uma aeronave inventada por ele. A máquina, uma espécie de balão em forma de charuto, precisava ser cheia com nitrogênio e impulsionada por um motor a gasolina tirado de um triciclo motorizado. A construção da engenhoca custara a seu inventor US\$ 30 mil e seu funcionamento já era tido como fracassado por especialistas. Entretanto, o balão denominado *Brasil* subiu, voou por alguns instantes e foi cair sobre árvores. Mas, em vez de desencorajá-lo, a queda serviu de estímulo para Santos-Dumont ir adiante e ser consagrado três anos depois com um ousado vôo ao redor da Torre Eiffel com seu dirigível n° 6.

Chamado pelos brasileiros de Pai da Aviação, Santos-Dumont é um dos nomes mais notáveis da nossa história. Nascido em 20 de julho de 1873, em Palmeira, Minas Gerais, hoje rebatizada com seu nome, passou a infância cercado por obras do escritor Júlio Verne. Daí pode ter surgido seu interesse pelos primeiros vôos em balões, narrados nas histórias do autor. Mas foi aos 15 anos de idade que despertou para o sonho de voar, maravilhado com a visão de um balão.

Emancipado pelo pai, Santos-Dumont foi a Paris aos 18 anos completar seus estudos. Na Cidade-Luz estudou física, química, mecânica e eletricidade e especializou-se em aeronáutica, depois da experiência com balões. Ao dar o primeiro passo com o balão n° 1 queria inventar um veículo voador dirigível. Chegou a construir mais quatro aparelhos a vapor para depois percorrer, em 8 de agosto de 1901, em nove minutos a distância entre Saint Cloud e a Torre a bordo do dirigível n° 6.

Foi finalmente em 1905, ao assistir a uma corrida de lanchas em Côte D'Azur, que Santos-Dumont conheceu uma potente lancha com motor Antoinette de 24 cavalos e começou a planejar um objeto mais pesado que ar que fosse conduzido pelo homem. A sua nova e revoluci-

onária invenção chegou ao conhecimento do público em 23 de outubro de 1906, no Campo de Bagatelle, em Paris. Batizado de *14 Bis*, o primeiro avião com um motor de lancha de 50 cavalos decolou e percorreu uma distância de 60 metros a 3 metros de altura. Aliás, este ano, essa maravilhosa máquina voadora estará completando 100 anos de criação.

Irmãos Wright – Pelo feito daquele dia, conquistou o prêmio Archdeacon, oferecido pelo Aeroclube da França e garantiu seu lugar na história. Santos-Dumont foi o primeiro a pilotar uma máquina voadora mais pesada que o ar, apesar de, nessa especialidade, serem coroados com os louros, pelos norte-americanos, os irmãos Wright. Esses realmente conseguiram voar antes do brasileiro, em 1903, mas usaram uma catapulta e um biplano. Por isso, só puderam planar e não dirigir a máquina. Ainda assim a polêmica sobre a autoria do invento persiste.

Durante 10 anos o inventor construiu 20 balões e aeroplanos, voou em todos eles e foi submetido a vários tipos de tensão e cargas elétricas, sofrendo também diversas quedas. Seu último vôo se deu em 1909 a bordo do *Demoiselle* (libélula em francês), que era um monomotor, semelhante a um ultraleve, mas com hélice frontal, feito com bambu e seda japonesa, que, com o piloto, pesava 100 kg. O avião atingiu uma velocidade média de 96 quilômetros por hora e voava pouco mais alto que árvores.

O sucesso do invento foi tão grande que em 1910 construtores da Europa e dos Estados Unidos, estimulados pelo próprio Santos-Dumont, começaram a produzir *demoiselles* para os amantes do esporte. O inventor havia publicado em jornais o projeto do avião. Naquele ano, anunciou ao mundo que iria parar.

Já afastado da aeronáutica, presenciou a Primeira Guerra Mundial e viu seu invento ser usado como arma de guerra. Santos-Dumont retornou ao Brasil, onde passou seus últimos anos de vida. No dia 23 de julho de 1932 cometeu suicídio, enforcando-se com uma gravata no Gran-

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

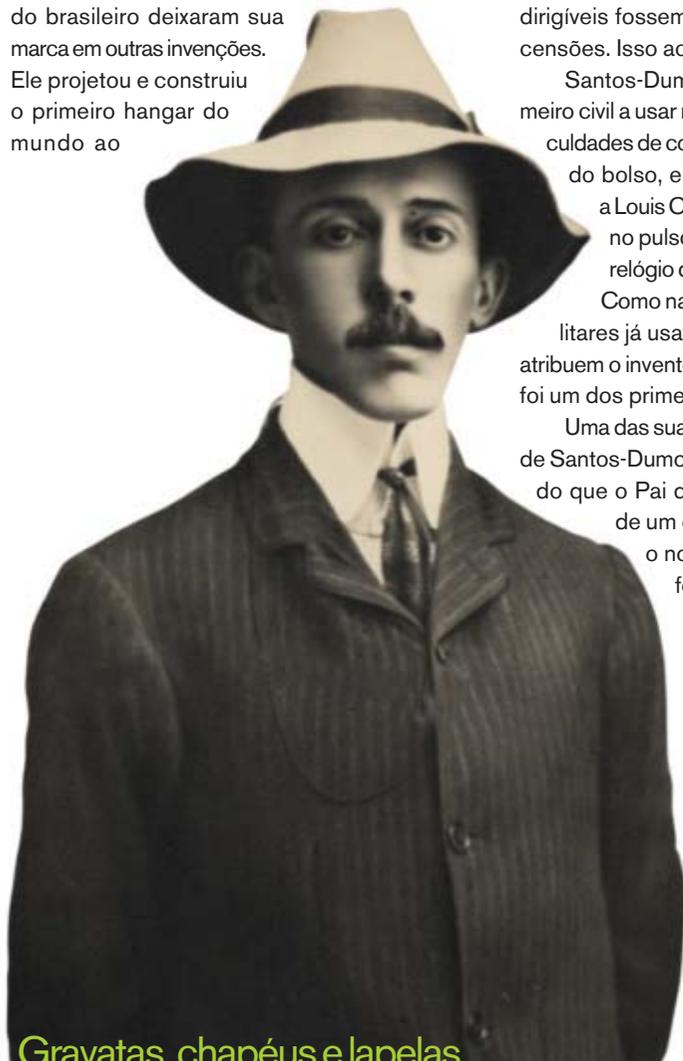
DIVULGAÇÃO/ARQUIVO

HISTÓRICO DO MUSEU

AEROESPACIAL

de Hotel de La Plage, no Guarujá, em São Paulo. Em 22 de setembro de 1959, foi alçado ao posto honorífico de marechal-do-ar.

Hangar – A criatividade e espírito empreendedor do brasileiro deixaram sua marca em outras invenções. Ele projetou e construiu o primeiro hangar do mundo ao



Gravatas, chapéus e lapelas

- Os interessados em conhecer mais de perto a vida de Alberto Santos-Dumont podem visitar exposições dedicadas ao inventor. No Museu Aeroespacial há uma sala, que leva o nome do Pai da Aviação, onde estão expostas a réplica do *Demoiselle* e objetos pessoais, como gravatas, chapéus e lapelas. Além disso, é possível conferir uma exposição de caricaturas de Santos-Dumont, que estará aberta à visitação até outubro. A entrada é gratuita. O Museu fica na Avenida Marechal Fontenelle 2.000, Campo dos Afonsos.
- Centro de Referência da Educação, da Prefeitura do Rio, realiza a *exposição Santos-Dumont – o inventor do cotidiano*, que pode ser vista por alunos e professores da rede municipal até março de 2007. No local há quatro painéis que contam a vida e descrevem os inventos do aeronauta notável. As escolas podem fazer o agendamento da visita pelo telefone 2253-0365. O endereço é Avenida Presidente Vargas 1.314, Centro.



Santos-Dumont a bordo do *Demoiselle*

verificar que a perda de gás seria mínima se os dirigíveis fossem mantidos cheios entre as ascensões. Isso aconteceu em 1900.

Santos-Dumont também tenha sido o primeiro civil a usar relógio de pulso. Diante das dificuldades de controlar seus vôos e tirar o relógio do bolso, ele teve a idéia de encomendar a Louis Cartier um que pudesse ser usado no pulso. O joalheiro fabricou então um relógio quadrado com pulseira de couro. Como na ocasião, por volta de 1904, militares já usavam o instrumento, muitos não atribuem o invento ao brasileiro, mas sabe-se que foi um dos primeiros a usá-lo.

Uma das suas residências, hoje Museu Casa de Santos-Dumont, em Petrópolis, é outra prova do que o Pai da Aviação era capaz. Trata-se de um chalé alpino francês e recebeu o nome de A Encantada, como referência à sua localização, a Rua do Encanto. O local dá conta de algumas peculiaridades que traduzem sua personalidade. Na construção, há um mirante que servia de observatório astronômico e a escada, com degraus em forma de raquete, obriga a começar a subi-la sempre com o pé direito. Uns dizem que era superstição, outros, que era para que Santos-Dumont não batesse com as canelas no degrau de cima. ■

SAIBA MAIS

No *site* da Aeronáutica foi desenvolvido um acervo virtual sobre a vida de Santos-Dumont. Há fotografias, notícias de jornais e imagens das invenções do Pai da Aviação. http://www.fab.mil.br/fab/personalidades/sdumont/sdumont_acervo/index2.htm

HOFFMAN, Paul. *A extraordinária vida de Santos-Dumont*. Editora Objetiva.

A queda do palácio de ferro

Cinquenta e quatro anos depois, o Mourisco continua vivo na memória dos moradores de Botafogo



O Pavilhão Mourisco, demolido em 1952, e, no detalhe, o centro empresarial erguido nas proximidades, na década de 1990

A Enseada de Botafogo é um dos cartões postais do Rio de Janeiro. Mas quem a vê hoje não tem idéia de como era diferente no início do século XX. Naquela época, a cidade era outra. O país acabava de sair da monarquia e engatinhava no regime republicano, com uma população de cerca de 18 milhões de habitantes. A capital, Rio de Janeiro, tinha à época em torno de 750 mil habitantes. A mudança do sistema político se refletiu na vida do brasileiro, especialmente o que vivia nas grandes cidades. O país ingressava na economia capitalista e adquiria uma organização social mais liberal, condizente com a nova realidade econômica.

As transformações incluíam mudanças urbanísticas com obras que pretendiam adequar as principais cidades à nova realidade do país. Dentre elas, o Pavilhão Mourisco, um palacete edificado com contornos neopersas, para compor a paisagem do tradicional bairro de Botafogo, que acabava de ganhar uma via de circulação pela orla, a Avenida Beira-Mar. De restaurante da moda em 1907 a instituto militar de treinamento de soldados a partir de 1943, o pavilhão sobreviveu até o ano de 1952, quando foi demolido para dar lugar à abertura do Túnel do Pasmado.

Sopro de modernidade – As primeiras administrações da República buscavam modernizar as cidades, especialmente a capital, para se destacar das administrações anteriores. Era preciso vincular a República à idéia de progresso, em oposição à monarquia, sinônimo de atraso econômico e social.

As cidades precisavam espelhar as aspirações republicanas de modernização, mesmo que para isso as mudanças fossem apenas de fachada e as contradições sociais, empurradas para baixo do tapete. Na capital federal, a renovação se deu principalmente no Centro e nos bairros de classes média e alta da Zona Sul. Esses espaços passaram por reformas abrangentes. Além de embelezar a cidade, essas reformas pretendiam banir de suas principais áreas as classes menos favorecidas, consideradas símbolos do atraso imperial escravocrata.

Um dos expoentes dessa onda reformadora foi o prefeito Francisco Pereira Passos, que em sua administração, entre 1903 e 1906, empreendeu obras que marcaram a história da cidade. Uma delas, talvez a mais famosa, foi a abertura da Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, que deu ares parisienses ao Rio de Janeiro.

TEXTO

FABIO ARANHA

FOTOS

ACERVO DO ARQUIVO DA

CIDADE E ALBERTO

JACOB FILHO

As reformas chegaram também a Botafogo. O bairro abrigava algumas das principais famílias da elite carioca e era preciso modernizá-lo. Dessa forma, sua orla fora aterrada para dar lugar à Avenida Beira-Mar, que começava na Rua Santa Luzia, no Centro da Cidade, e seguia até o Morro do Pasmado, no Mourisco. O trecho do bairro foi o primeiro a ser inaugurado. Com três pistas de rolamento, duas para automóveis e uma para cavalos, algo inimaginável para a época, a Beira-Mar inaugurou os passeios da população pela orla marítima. No ano de 1906 havia somente 153 veículos motorizados na cidade.

Para compor a paisagem da orla, foram construídos dois teatros infantis, um palácio de regatas e o Pavilhão Mourisco. O palacete deveria ficar pronto durante a gestão do prefeito Pereira Passos, mas a sua construção atrasou e a inauguração se deu somente em 1907, quando era prefeito Francisco Marcelino de Souza Aguiar. Era uma obra imponente e diferente de qualquer outra construção na cidade. Sua estrutura em ferro, coberta com azulejos nas cores dourado, verde e marrom era destaque no lugar.

O Mourisco funcionou primeiro como restaurante dançante, um modismo da época. Em 1934, foi transformado na primeira biblioteca infantil do Brasil, administrada pela poetisa e educadora Cecília Meireles, que lá trabalhou até 1937. A biblioteca fora fechada sob o pretexto de Cecília ter sido rotulada de comunista pelos burocratas do recém-instalado Estado Novo.

Em nome do progresso – Com a extinção da biblioteca, funcionou no local durante pouco tempo um ponto de coleta de impostos. Em seguida, o espaço foi cedido à Associação Religiosa Israelita, que lá permaneceu até 1943. A entidade auxiliava judeus da Europa Central que fugiram para o Brasil na iminência da Segunda Guerra Mundial. A associação existe até hoje e funciona em um prédio na Rua General Severiano, também em Botafogo. A partir de 1943, o pavilhão serviu como instituto militar para o treinamento de soldados no manejo de armas de fogo. Depois da guerra, foi abandonado e assim ficou até sua demolição, em 1952, para a construção do Túnel do Pasmado. O prédio se situava onde hoje está a passarela que liga o Clube Guanabara ao Centro Empresarial Mourisco.

Edificado em estilo eclético, o pavilhão teve para a cidade uma importância arquitetônica que seus detratores não souberam reconhecer. “Sua demolição foi uma demonstração de desprezo pela arquitetura que tinha o Rio na época. O pavilhão atrapalhava o sonho modernista do Rio. Mas foi um erro, ele poderia ter sido aproveitado como um centro cultural ou uma biblioteca. Anos depois, o arquiteto Lúcio Costa, então diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), se arrependeu por não tê-lo tombado. O pavilhão era uma das representações da arquitetura de ferro no Brasil, que predominou entre 1850 e 1920”, ressalta o professor e historiador Milton Teixeira.

Para Teixeira a demolição do Pavilhão Mourisco refletiu uma mudança de mentalidade. Da mesma forma que no início do século o Rio almejava ser como Paris, o modelo agora eram as cidades norte-americanas, com suas vias largas. “Os anos 1950 eram a época do rodoviarismo. Acreditávamos que o automóvel seria o futuro do mundo, substituindo outras formas de transporte. Essa idéia perdurou até os anos 1970, quando a crise do petróleo mostrou que isso não refletia mais a realidade”, explica. O historiador ressalta que mesmo com a abertura do túnel o palacete poderia ter sido poupado. Sua estrutura de ferro poderia ter sido desmontada e transferida para outro lugar.

Além do pavilhão, outras grandes construções da cidade foram demolidas sob pretextos semelhantes, entre as décadas de 1950 e 70, como o Mercado da Praça XV, entre 1958 e 1962; o Palácio Monroe, próximo ao Passeio Público, para a abertura do Metrô no Centro, entre 1975 e 1976; e o antigo prédio do Ministério da Agricultura – que ficava ao lado do Museu Histórico Nacional –, em 1977, para dar lugar a um ponto de ônibus (!).

O pavilhão se foi, mas o nome Mourisco continuou a caracterizar o lugar onde ele foi erigido e hoje serve de sobrenome para o centro empresarial erguido na década de 1990 nas proximidades. O que, em outras palavras, significa que mesmo meio século depois de sua demolição, o pavilhão permanece no inconsciente coletivo como símbolo da identidade perdida de um Rio de Janeiro que ficou no passado. ■

Teatro no CCBB

O Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) apresenta até o dia 27 de agosto a peça teatral *Otono e inverno*, do dramaturgo sueco Lars Norén, 42, em que duas filhas cinquentonas e seus pais discutem o relacionamento durante um almoço familiar. No elenco, Laura Cardoso e Sérgio Brito. O espetáculo é realizado de quarta a domingo, às 19h30. Os ingressos custam R\$ 5 (estudantes e maiores de 65 anos) e R\$ 10.

Centro Cultural Banco do Brasil
Rua Primeiro de Março, 66, Centro
Informações: 3808-2020

Festival de teatro

O Festival Mercadão Cultural – Circuito Brasileiro de Esquetes e Performances, evento que tem como objetivo estimular e promover as artes cênicas entre artistas e público, será realizado de 30 de agosto a 3 de setembro no Teatro Carlos Gomes. As melhores apresentações ganharão prêmio de R\$ 50 mil nas categorias de esquetes: profissional, amador, infantil, *standy up comedy* e *performance*. O evento é patrocinado pela Secretaria Municipal das Culturas (SMC).

Teatro Carlos Gomes
Praça Tiradentes, s/n, Centro
Informações: 2232-8701

Direitos humanos

Oito artesãs apresentam sua primeira exposição com painéis associados a textos sobre direitos humanos e inspirados na obra do artista francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848), que retrata as relações sociais no século XIX. Ao longo da exposição o ateliê Azulejaria realizará a produção de uma nova série representando edificações da Zona Portuária. A mostra está no Centro Cultural José Bonifácio até o dia 28 de agosto, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h e aos sábados, das 9h às 17h.

Centro Cultural José Bonifácio
Rua Pedro Ernesto, 80, Gamboa
Informações: 2233-7754 e 2253-6255.



ALBERTO JACOB FILHO

Salão do Livro

O 8º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, especializado em publicações para crianças e adolescentes, será realizado de 23 de agosto a 3 de setembro no Museu de Arte Moderna (MAM). O evento é promovido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e contará com cerca de 60 estandes de editoras, além de espaço para lançamento de livros e bate-papo com autores. Durante o encontro será realizado o Seminário de Literatura Infantil e Juvenil, de 28 a 30 de agosto. As inscrições poderão ser feitas para todos os dias ou para uma data em separado. O ingresso custa R\$ 3. A entrada é gratuita para crianças até um metro de altura, maiores de 65 anos, portadores de deficiência e moradores de comunidades carentes, mediante agendamento.

Museu de Arte Moderna
Avenida Infante Dom Henrique,
Parque do Flamengo
Informações: www.fnlij.org.br

Literatura e música

O Centro de Referência da Educação Pública realiza o *Sarau literomusical: os pampas presentes na música e na literatura brasileira* no dia 15 de agosto, às 15h. No evento serão homenageados o poeta Mário Quintana, o escritor Érico Veríssimo e o maestro Radamés Gnattali.

As inscrições podem ser feitas pelo telefone 2253-0371.

Centro de Referência de Educação Pública
Avenida Presidente Vargas,
1.314, Centro
Informações: www.rio.rj.gov.br/sme/crep ou pelo telefone 2253-0365.

Educação infantil

O curso A Creche e o Trabalho Cotidiano com Crianças de Zero a Três Anos, do Departamento de Educação da PUC-Rio, é uma boa oportunidade para professores de educação infantil aprimorarem seus conhecimentos. As aulas serão ministradas de 14 de agosto a 11 de dezembro, das 18h às 21h30. As matrículas podem ser feitas até o dia 7 de agosto. A coordenação é da doutora em educação pela PUC-Rio Sonia Kramer.

PUC-Rio
Rua Marquês de São Vicente, 225, casa XV, Gávea, ou
Avenida Marechal Câmara 186,
7º andar, Centro
Central de Atendimento:
0800-909556

Projeto Carioquinha

Este ano o Planetário está mais uma vez incluído no Projeto Carioquinha, que dá direito, até o dia 3 de setembro, a desconto especial na entrada a quem nasceu ou mora na cidade ou demais municípios do Grande Rio. Com a promoção, aos sábados, domingos e feriados, o ingresso custará R\$ 3, incluindo o acesso ao Planetário e ao Museu Interativo. Entre as atrações do mês de agosto, estão, aos sábados, a Sessão de Cúpula, que exhibe, às 16h, *A aventura de dois raios de sol*; às 17h30, *O projeto científico* e, às 19h, o documentário *Marte*. Aos domingos estão programados às 16h, *...E a bruxa foi para o espaço*; às 17h30, *O projeto científico*; e às 19h, *Céu: mito e realidade*.

Planetário
Rua Vice-Governador Rubens Berardo, 100, Gávea
Informações: 2274-0046

Meninos e pais na escola

"Homem não brinca de boneca e só pode chorar quando o Brasil sai da Copa do Mundo". Estas são desvantagens para os meninos se tornarem pais afetivos no futuro, já que geralmente não são educados para cuidar de crianças nem de sua própria vida afetiva. São orientados para ser duros na vida e distantes afetivamente das crianças. As instituições não costumam apoiar os homens na paternidade e este é um problema para as escolas, já que é grande a ausência dos homens nas reuniões de pais.

Uma "mãe de primeira viagem", com seu primeiro filho, provavelmente irá se atrapalhar se não tiver ajudado a cuidar anteriormente de outros bebês. Mas desde cedo viu mulheres cuidadoras, o que reforça a sua segurança na habilidade de cuidar. Em contrapartida, os homens são criados num cenário de descrença na sua capacidade de serem amorosos e competentes nos cuidados com crianças.

Com o dinheiro escasso, pai e mãe trabalham fora, e cada vez mais a felicidade do casal inclui a divisão do trabalho com crianças, sendo este um possível campo de batalha na vida conjugal. Muito freqüentemente observamos a ausência dos homens na vida de seus filhos, mas os pais participantes que conseguem mudar este panorama muitas vezes não encontram apoio nas instituições de educação e saúde.

Com a proposta de transformar este quadro, reúne-se mensalmente o grupo de trabalho Macrofunção Vida, na Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, desde 2001, sob a coordenação da Secretaria Municipal de Saúde (SMS). Um de seus objetivos é implementar políticas públicas que promovam o envolvimento dos homens nas atividades de cuidado e fortaleçam os vínculos entre pais e filhos. Participam representantes de

diferentes secretarias e instituições municipais, ONGs e universidades.

A Macrofunção Vida criou a Semana de Valorização da Paternidade por decreto municipal, em agosto de 2002. Com o sucesso das semanas, foi instituído o Mês de Valorização da Paternidade, em 2004. A cada ano, mais de 400 instituições criam atividades culturais e esportivas, tais como debates, oficinas, painéis com fotos e depoimentos, brincadeiras com as crianças e com os pais, festas, pagodes, churrascos, jogos de futebol, além de pesquisas, seminários, programas e campanhas de TV.

A iniciativa Dez Passos para Ampliar a Participação do Pai nas Diferentes Políticas Sociais está em fase de implantação, com desdobramentos nas rotinas institucionais das diferentes secretarias. As escolas são parceiras privilegiadas nessa iniciativa, por serem espaços de aprendizagem do cuidado, de fortalecimento de vínculos e de validação do papel do pai.

O tema do Mês de Valorização da Paternidade em 2006, é Paternidade e Prazer. Convidamos a sua escola a fazer parte dessa iniciativa, realizando atividades que fortaleçam o encontro prazeroso entre pais e filhos. ■

TEXTO

VIVIANE MANSO
CASTELLO BRANCO E
MARIA LUIZA DE
CARVALHO*

especial

Dez passos para acolher os pais

1. Capacitar os trabalhadores da saúde em temas relacionados às masculinidades, cuidado paterno e metodologia para trabalho com homens.
2. Incluir os pais nas atividades de contracepção, pré-natal, ultrasonografia, atenção a crianças e adolescentes (consultas, exames e atividades de grupo).
3. Incentivar a participação do pai no pré-parto e no parto.
4. Facilitar a presença dos pais nas enfermarias.
5. Desenvolver atividades voltadas para os homens e/ou pais, que valorizem a integração entre as gerações.
6. Incluir temas relacionados às masculinidades/paternidade nas diferentes atividades de grupo.
7. Garantir a estrutura física que permita a participação dos homens nos diferentes serviços (banheiros masculinos, divisórias, etc.).
8. Estabelecer horários alternativos de consultas para as atividades de grupo e visitas às enfermarias.
9. Disponibilizar informações sobre licença paternidade e o direito dos pais de acompanharem o parto.
10. Integrar a unidade de saúde a outros setores da comunidade.

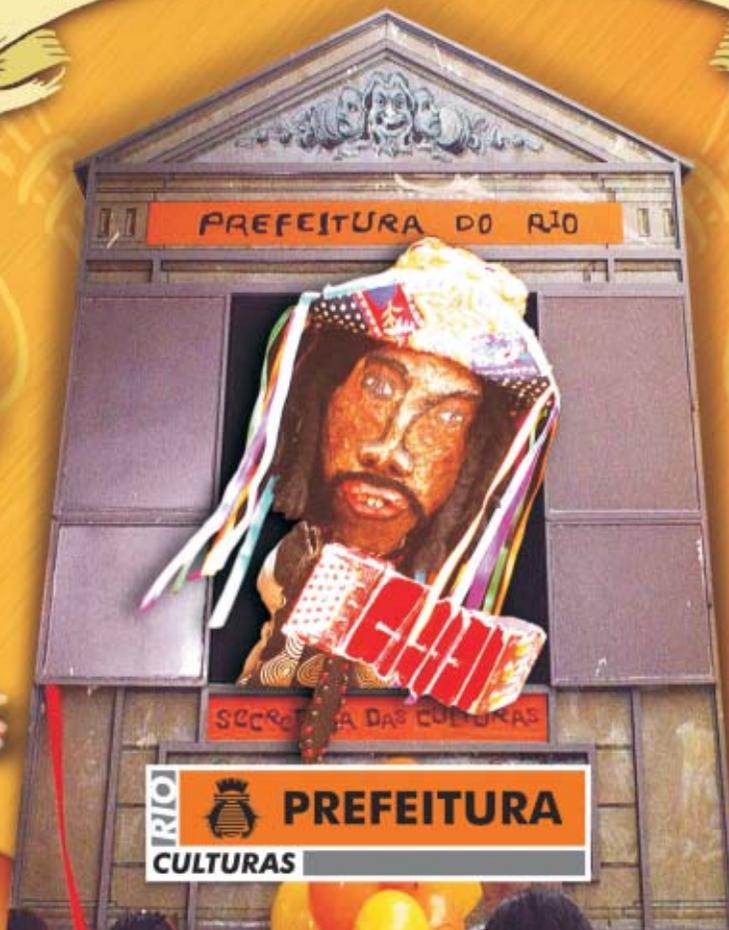
As autoras são, respectivamente, coordenadora da Macrofunção Vida e assessora de Promoção da Saúde da SMS/RJ; e membro da Macrofunção Vida. Para mais informações: Assessoria de Promoção da Saúde da Secretaria Municipal de Saúde. Tel.: 2503-2246; promoção@rio.rj.gov.br; www.saude.rio.rj.gov.br/paternidade

canal	horário	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SABADO	DOMINGO
BandRio	14h-14h30	Crônicas da minha escola Série sobre Educação Acervo MULTIRIO Tons e Sons	Br@nché (Língua Francesa) Memórias Cariocas Gerúndio e Cacófato	Nós da Escola Temas: Santos Dumont, História da ludicidade, entre outros.	Encontros com a Mídia Convidados: Rosália Duarte, Rui de Oliveira, entre outros.	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	9h-9h30 Documentário especial Brasil em movimento – parte 1 (dia 5) Brasil em movimento – parte 2 (dia 12)	É tempo de diversão Aventuras Cariocas
	14h30-15h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (dia 19) Acima do peso (dia 26)	Encontros com a Mídia Convidados: Rosália Duarte, Rui de Oliveira, entre outros.
Net - canal 14	7h30-8h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Documentário especial Brasil em movimento – parte 1 (dia 13) Brasil em movimento – parte 2 (dia 20) O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (dia 27)
	8h-8h30	Séries e documentários Expresso Brasil	Cara de Criança Programas infantis: Meu pequeno planeta. Lucas e Lucinda	Séries e documentários Arte e Matemática É tempo de diversão	Séries e documentários Mesa Brasileira Olho Vivo	Cantos do Rio MPB	Cara de Criança Programas infantis: Meu pequeno planeta	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias Cariocas Aventuras Cariocas
	8h30-9h	Aqui no meu país É tempo de diversão	Contos de Wilde Épicos animados	Escritores, testemunhas do seu tempo		Encontros com a Mídia Convidados: Rosália Duarte, Rui de Oliveira, entre outros.	Lucas e Lucinda Contos de Wilde Épicos animados	Abrindo o Verbo Jornalismo, Jongo, entre outros.
	9h-9h30	Escritores, testemunhas do seu tempo	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Jornalismo, Jongo, entre outros.	Nós da Escola Temas: Santos Dumont, História da ludicidade, entre outros.	Crônicas da minha escola Série sobre Educação	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Jornalismo, Jongo, entre outros.
	9h30-10h	Documentário especial Brasil em movimento – parte 1 (dia 7) Brasil em movimento – parte 2 (dia 14)		Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais	Arte e Matemática Série que relaciona as duas áreas	Olho Vivo Série sobre Ciência e História Natural		Nós da Escola Temas: Santos Dumont, História da ludicidade, entre outros.
	10h-10h30	O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (dia 21) Acima do peso (dia 28)	Noah e Saskia Série australiana	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias Cariocas Aventuras Cariocas	Cantos do Rio MPB	Expresso Brasil Série sobre cultura e turismo	Noah e Saskia Série australiana	Cantos do Rio MPB
	10h30-11h	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Encontros com a Mídia Convidados: Rosália Duarte, Rui de Oliveira, entre outros.
	11h-11h30	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente
Net Educação	12h-12h30	Reflets- Curso de Francês Gerúndio e Cacófato	Reflets- Curso de Francês As formas do invisível	Reflets- Curso de Francês Gerúndio e Cacófato	Reflets- Curso de Francês As formas do invisível	Br@nché (Língua Francesa) Gerúndio e Cacófato	Assista a nossa programação também na TV Alerj (canal 12 da Net), de segunda a sexta-feira, das 8h às 10h e das 21h às 22h, e aos sábados e domingos, das 20h às 22h. Veja a programação completa em www.multirio.rj.gov.br	
	12h30-13h	Arte e Matemática Série que relaciona as duas áreas	Mesa Brasileira Série sobre cultura e hábitos alimentares	Olho Vivo Série sobre Ciência e História Natural	Documentário especial Brasil em movimento – parte 1 (dia 10) Brasil em movimento – parte 2 (dia 17)	Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais		
	13h-13h30	Encontros com a Mídia Convidados: Rosália Duarte, Rui de Oliveira, entre outros.	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Crônicas da minha escola Série sobre Educação	O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (dia 24)	Nós da Escola Temas: Santos Dumont, História da ludicidade, entre outros.		
	13h30-14h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados		

A PREFEITURA DO RIO APRESENTA: **TEATRO DE BONECOS GUIGNOL**

Podem ir chegando! O teatro de Guignol - que já encantou as crianças de Lyon, na França, no início do século XIX - está com a sua magia nas praças da Cidade. Um show de cultura resgatado pela Prefeitura do Rio, com mais de 300 apresentações para cerca de 200 mil espectadores de todas as idades. Sucesso de público? Mais do que isso. A oportunidade de oferecer à garotada a chance de rir e se divertir à vontade. E de graça!

**AS PRAÇAS DA CIDADE
VIRARAM PALCOS DE ALEGRIA**



Veja a programação em:
www.rio.rj.gov.br/culturas



NÓS DA ESCOLA

No próximo número:
Ludicidade e imagem

RIO



PREFEITURA

EDUCAÇÃO

MULTIRIO

central de atendimento: (XX21)2528-8282 • ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br